

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

ADRIENNE PEDROSA FERREIRA
ARIANE GOMES NEVES

O CAMPO É DELAS
A história das jogadoras brasileiras pioneiras nas Copas do Mundo de
Futebol Feminino

Produto jornalístico

Mariana
2022

ADRIENNE PEDROSA FERREIRA

ARIANE GOMES NEVES

O CAMPO É DELAS

A história das jogadoras brasileiras pioneiras nas Copas do Mundo de Futebol Feminino

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto

Mariana
2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

F383c Ferreira, Adrienne Pedrosa.

O campo é delas [manuscrito]: a história das jogadoras brasileiras pioneiras nas Copas do Mundo de Futebol Feminino. / Adrienne Pedrosa Ferreira. Ariane Gomes Neves. - 2022.
91 f.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Fernando Jáuregui Pinto.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Rádio. 2. Jornalismo - Podcast. 3. Movimentos sociais. 4. Futebol feminino. 5. Mídia social. I. Neves, Ariane Gomes. II. Pinto, Carlos Fernando Jáuregui. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Título.

CDU 070.446

Bibliotecário(a) Responsável: Sione Galvão Rodrigues - CRB6 / 2526



FOLHA DE APROVAÇÃO

Adrienne Pedrosa Ferreira e Ariane Gomes Neves

O campo é delas: a história das jogadoras brasileiras pioneiras nas Copas do Mundo de Futebol Feminino

Memorial descritivo apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em jornalismo

Aprovada em 15 de junho de 2022

Membros da banca

[Doutor] - Carlos Fernando Jáuregui Pinto - Orientador (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Doutora] - Luana Viana e Silva - (Universidade Federal de Ouro Preto)

[Doutor] - Marcelo Freire Pereira de Souza - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Carlos Fernando Jáuregui Pinto, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 24/07/2022



Documento assinado eletronicamente por **Carlos Fernando Jauregui Pinto, COORDENADOR(A) DE CURSO DE JORNALISMO**, em 24/07/2022, às 22:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0366307** e o código CRC **C644A357**.

AGRADECIMENTOS

Adrienne Pedrosa: Este é um momento especial que só é possível graças a minha família. Agradeço à minha mãe Rosângela, minha irmã Ana Júlia e ao meu pai Vicente por todo apoio oferecido durante esta caminhada repleta de surpresas que se prolongou por dois anos de uma mistura de sentimentos. Ter vocês comigo durante esses momentos é o que me fez chegar até aqui.

Aos amigos que fiz durante este tempo na Ufop pela parceria e apoio emocional durante a produção deste trabalho. Agradeço, em especial, à Hannah Carvalho, Lívia Ferreira e ao meu namorado Lucas Fernandes, pelas conversas e pelo ombro amigo nas horas mais difíceis. Vocês são parte importante para minha chegada a conclusão deste projeto.

A todos que compartilharam conhecimento profissional e pessoal comigo, em especial os jornalistas da Assessoria da Ufop: Lígia Souza, Luana Viana, Patrícia Pereira e Rondon Marques. Um agradecimento especial ao nosso orientador, Carlos Jáuregui, pela paciência e empenho. À Ingrid Archiver por ter me convidado a embarcar neste projeto, o resultado final também é seu.

A todas as jogadoras e jornalistas que aceitaram participar deste trabalho contando suas histórias e a todos os demais que contribuíram de alguma forma.

Ariane Neves: É com muita alegria que finalizo esse momento tão especial da minha vida. Foi uma jornada intensa, de autoconhecimento, aventuras, desafios e, principalmente, de aprendizados. Agradeço primeiramente a Deus, que tornou este sonho possível, me deu forças, me levantou inúmeras vezes e sempre esteve comigo. Aos meus pais, Adimário e Rosimeire, que sempre lutaram pelo meu sonho e batalharam para que ele se concretizasse. Obrigada por sempre acreditarem em mim, sem o apoio incondicional de vocês eu não teria conseguido. Aos meus irmãos Amarildo, Ivomar, Romário e Willian, obrigada por todo o incentivo. Júlia e João Gabriel, meu amor eterno à vocês.

À Ingrid Achiver, por ter sido minha melhor companhia desde o primeiro dia de Ufop, este trabalho é uma conquista nossa. O projeto que traçamos desde o início da graduação, agora é uma realidade. À minha amiga Adrine, por ter escutado meus choros, minhas inseguranças e me apoiado nos momentos difíceis. Agradeço também à Átila, Pamela e Lorena.

À república Largados e à república K-Xuêra, por me tratar com muito carinho e sempre me acolher tão bem. Ao Carlos Augusto e Daniel Almeida, por todo o companheirismo e apoio, à Michelle Borges e todos os amigos que fiz neste percurso. Gratidão por tudo.

Aos jornalistas da ACI Ufop: Lígia Souza, Rondon Marques, Patrícia Pereira e Luana Viana, obrigada por todos os ensinamentos e parceria. Vocês contribuíram muito para a minha formação como profissional e ser humano. A empatia, o amor de vocês pela profissão, o empenho em ajudar, são coisas nobres que levarei sempre comigo.

Ao meu querido e paciente orientador Carlos Jáuregui, obrigada pela compreensão, pelo apoio e por ser o maior incentivador e admirador deste projeto. A sua dedicação e as suas contribuições foram imprescindíveis para o êxito do trabalho e o sucesso da nossa parceria.

Às jogadoras que se dispuseram a nos ajudar contando as suas trajetórias lindas, histórias de superação e tantos desafios enfrentados vestindo a amarelinha. Toda a minha admiração por vocês, mulheres fortes e guerreiras.

Ao pastor Elimar Felipe e Sara Rodrigues pelas orações, amizade e todo apoio.

“Eu não sou livre enquanto alguma mulher não o for, mesmo quando as correntes dela forem muito diferentes das minhas”.

Audre Lorde

RESUMO

Este trabalho conta a história da seleção brasileira feminina de futebol, por meio da Copa do Mundo de 1991, com o intuito de promover o reconhecimento e popularizar a história do futebol feminino no Brasil. Apresentamos os dois primeiros episódios de uma série de total de oito, com seis a serem produzidos. Para o desenvolvimento do projeto entrevistamos jornalistas e jogadoras da primeira geração da seleção brasileira, como Sisleide do Amor e Márcia Taffarel, além de buscarmos leituras que ofereçam dados e informações sobre o futebol feminino. O formato podcast foi escolhido para que possamos usufruir das técnicas de storytelling, utilizando uma narrativa imersiva para prender a atenção do ouvinte e também informar.

Palavras-chave: Copa do Mundo, futebol, futebol feminino, gênero, história, podcast.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
1 MULHERES NO FUTEBOL	09
1.1 Mulheres no jornalismo esportivo	14
2 PODCAST	18
2.1 Narrativa imersiva em áudio e storytelling	20
3 OBJETIVOS	
3.1 Objetivo geral	22
3.2 Objetivos específicos	22
4 PROPOSTA	23
4.1 Temas transversais	23
5 DIÁRIO DE CAMPO	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31
ANEXOS	38
Anexo I - Sinopse das Copas	38
Anexo II - Roteiro dos episódios	52

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de relatar, por meio do podcast, as dificuldades enfrentadas pelas jogadoras de futebol, as lutas e as conquistas, além de experiências marcantes, incluindo curiosidades, entre outras histórias da nossa seleção brasileira feminina, com foco nas Copas do Mundo.

A escolha do formato de podcast se deu pela dificuldade de encontrarmos esse tipo de produção relacionada, especificamente, à história do futebol feminino brasileiro, durante o período de apuração sobre o tema. Para isso, contamos com as possibilidades do formato de produção de podcast, para criar um ambiente de imersão para as(os) ouvintes por meio de recursos da narrativa sonora, como o tom da locução, as trilhas, as ambiências e os efeitos.

Ao pensar sobre como a história das mulheres da nossa seleção feminina de futebol é pouco conhecida, buscamos refletir sobre como nós, mulheres e jornalistas em formação, podemos contribuir para a difusão dessa história. Devido aos debates existentes na sociedade, sobre igualdade de gênero e mais visibilidade na TV aberta, podemos perceber que o futebol feminino está em ascensão nos últimos cinco anos, principalmente em comparação com a Copa do Mundo de 2019.

A competição apresentou registros de audiência recorde com 993 milhões de telespectadores na TV, 482 milhões de espectadores nas plataformas digitais e uma média de 17,3 milhões de pessoas assistindo cada partida, segundo dados da consultoria Delloite. No entanto, há poucas informações sobre as pioneiras desse esporte, que contribuíram para o desenvolvimento da modalidade no Brasil.

Escolhemos o formato podcast como uma produção informativa e imersiva, que liga o ouvinte diretamente ao conteúdo por meio de técnicas de storytelling. Para a apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso apresentamos dois episódios de uma série que possui o total de oito, número que representa a quantidade de Copas do Mundo Feminina realizadas até 2019. Nos dois episódios apresentados, contextualizamos os ouvintes com o começo da trajetória das jogadoras no futebol feminino, e com um resumo da primeira Copa do Mundo. São 21 minutos e 12 segundos para o primeiro episódio e 13 minutos e 49 segundos para o segundo episódio.

Com as dificuldades advindas da pandemia de coronavírus e com a limitação de materiais para a gravação e edição do trabalho, reduzimos a produção para dois episódios,

para que fosse possível apresentar ainda no semestre 2021.1. Posteriormente, pretendemos dar continuidade ao projeto, finalizando os demais episódios e buscando apoio financeiro para a divulgação dele.

Sendo assim, O Campo é Delas, pretende apresentar aos ouvintes a história da seleção brasileira de futebol feminino, com informações detalhadas e apuradas, por meio de entrevistas com as jogadoras, nas quais elas relataram as situações vivenciadas ao longo dos anos vestindo a camisa do Brasil.

O podcast pode ser acessado pela plataforma Spotify:

<https://open.spotify.com/show/6dkFR5Zq8caC0HzAKztYDW>

1. MULHERES NO FUTEBOL

De acordo com pesquisa feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2017, 39,3% dos brasileiros praticavam futebol como atividade física frequente. Por meio desse número, é possível perceber que não é por acaso que recebemos, popularmente, o título de “país do futebol”. Essa cultura movimenta torcedores, atletas, dirigentes e cidades, além de criar o costume de frequentar estádios, participar de torcidas organizadas e acompanhar os jogos transmitidos por diferentes meios de comunicação. Todos esses fatores, no entanto, são relacionados preponderantemente ao futebol masculino. Para Bonfim (2019), a ausência de fontes e acervos organizados sobre a participação das mulheres na história do futebol brasileiro escancararam a exclusão desses sujeitos sociais na elaboração de uma narrativa sobre o futebol do nosso país.

O futebol feminino, durante muitos anos, ficou invisível para as organizações esportivas (confederações, diretorias e federações), para o poder público, para os meios de comunicação e para parte importante da sociedade. As jogadoras sofrem com a falta de patrocínio, de investimentos, com os baixos salários e com a baixa cobertura midiática. A matéria “*Salário do futebol feminino brasileiro se equipara ao da Série C masculina*”, presente na revista Placar, assinada pelo jornal Estadão, de setembro de 2021, apresenta um levantamento realizado com mais de 10 mil profissionais da área e mostra que os homens recebem 118% a mais do que as mulheres. Segundo a reportagem, os problemas relacionados a salário e reconhecimento não se limitam a clubes menores, e atingem, também, as profissionais da seleção feminina que permanecem jogando em clubes do Brasil.

Ainda de acordo com a matéria, muitas jogadoras não têm registro profissional, o que prejudica o acesso aos direitos trabalhistas. Entre os 52 clubes que disputam o Brasileirão Feminino, apenas 10% assinam a carteira das atletas, e, por isso, elas não conseguem recorrer ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) quando sofrem uma lesão grave, por exemplo.

Em 2019, a modalidade se tornou uma obrigação. Primeiro, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) instituiu um regulamento que prevê a igualdade de gênero em suas competições. Sendo assim, a Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol), que rege os campeonatos na América do Sul, criou um estatuto. Este estatuto prevê que os clubes que disputam a Copa Libertadores e a Copa Sul-Americana são obrigados a ter times femininos, já que a confederação aderiu à obrigatoriedade por meio da determinação da FIFA:

A candidata deve ter primeiro uma equipe feminina ou ingressar em um clube que seja dono da mesma. Além disso, devem ter pelo menos uma categoria juvenil feminina ou estar associados a clube que a possua. Em ambos os casos, o candidato deverá fornecer suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura (campo de disputa de jogos e treinamento) necessários ao desenvolvimento de ambas as equipes em condições adequadas. Finalmente, ambas as equipes são obrigadas a participar de competições nacionais e / ou regionais autorizadas pela respectiva federação membro. (CONMEBOL, 2020, artigo 23)

Também a partir de 2019, seguindo a orientação da FIFA e da Conmebol, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tornou obrigatório que todos os 20 clubes da Série A mantenham times ou projetos relacionados ao futebol feminino.

Um parâmetro importante para observar a popularização do futebol feminino são as competições ocorridas em 2018 e 2019: a Copa América e a Copa do Mundo, respectivamente. No artigo *“Elas têm torcida: análise das manifestações on-line nas transmissões ao vivo dos jogos da Copa América Feminina de 2018”* (LIMA, 2019), a autora apresenta os números crescentes das transmissões *on-line* realizadas pelo *Facebook*, em 2018, durante a Copa América. A primeira partida do Brasil, jogada contra a Argentina, registrou 149 mil visualizações, e o pico de espectadores ocorreu na transmissão de Brasil x Colômbia, com 355 mil visualizações. Em 2019, durante a Copa do Mundo, as conversas sobre o tema alcançaram 92 milhões de pessoas nas redes sociais, de acordo com Mendonça (2019), do blog *Dibradoras*.

De fato, a falta de conhecimento sobre a história do futebol feminino e das jogadoras desse esporte ainda refletem muito nos julgamentos e no preconceito sobre a prática da modalidade. Percebemos que, em certas vezes, nem mesmo as mulheres possuem interesse ou são encorajadas a assistir ao futebol feminino, porque a grande parte dos jogos não são sequer transmitidos ou noticiados. Isso acontece por diversos fatores, como a falta de investimento, os estigmas negativos e o desinteresse da mídia especializada. Dentro de campo, esse cenário também é semelhante. Devido à construção social e ao reflexo na sociedade que o futebol possui, a capacidade das jogadoras é questionada a todo momento pelo fato de serem mulheres.

Gravar, divulgar e estudar as narrativas das jogadoras da seleção brasileira nos permite, nesse sentido, refletir sobre o esporte que por tanto tempo foi entendido como uma modalidade perfeita para representar o Brasil, ao mesmo tempo que interditou, por quase quarenta anos, mulheres de praticarem alguns esportes, entre

eles o futebol, justificando tal medida a partir da ideia de preservação do corpo feminino, portador de uma “natureza frágil”. (BONFIM, 2019, p. 171)

Durante muito tempo, foi utilizada a questão biológica para argumentar contra a presença feminina no esporte, de acordo com a “ciência” da época, liderada por médicos homens, e endossada por veículos de imprensa e por cidadãos comuns. Com isso, atores do meio esportivo, como a Divisão de Educação Física (D.E.F), órgão do Ministério da Educação e Cultura, colunistas e médicos especializados em práticas esportivas incitaram essa discussão e enviaram formalmente ao governo manifestos contra a prática do esporte por mulheres, como uma forma de mantê-las restritas a afazeres domésticos e a esportes “mais leves”.

À mulher caberia, entre outras obrigações, contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis, algo que, pensava-se, só seria alcançado se a mulher preservasse sua própria saúde. Se esta condição não excluía a prática de esportes, é certo que nem todo esporte a ela se adequava. (FRANZINI, 2005, p.321)

Em uma edição do jornal O Estado de São Paulo, em 1975, há a presença de uma matéria com o seguinte título: “Mas esse é mesmo o esporte adequado?”. Um trecho da publicação diz: “Entretanto, alguns especialistas recomendam: por suas características morfológicas, a mulher estará cuidando melhor da saúde se jogar vôlei ou praticar a natação, em vez de jogar futebol”.

Nos anos da proibição, os valores como a feminilidade e delicadeza eram valorizados como parte do ideal da maternidade, como argumenta Castellani.

Configurava-se, portanto, no tratamento dado à prática pelas mulheres, da Educação Física e Esportes, o reforço ao pensamento dominante a respeito do papel da mulher na sociedade brasileira, preparando-a fisicamente para a maternidade, concebendo a ideia de “Mulher” quase que somente associada à de Mãe. (CASTELLANI, 1989, p.89)

O papel atribuído ao gênero feminino¹ na sociedade vincula-se, ainda, a representações sobre o corpo da mulher, que delimitariam fragilidades, funções e potencialidades específicas:

¹ Para trabalhar a mulher dentro do espaço do futebol, iremos começar pelo conceito de gênero definido como: termo que surgiu no sentido de se opor a uma forte tendência histórica vinculada à naturalização dos comportamentos humanos – a uma posição que descreve a personalidade essencialmente diferente de homens e mulheres em virtude de sua natureza anatomicamente diferenciada. (SANTANA e BADIALI, 2016, p.4)

A ideia de um corpo frágil, esteticamente moldado e livre de atividades de força, restringia às mulheres que praticassem apenas atividades físicas tidas como femininas, e ficassem longe das modalidades “masculinas”, no caso do futebol, por exemplo. “[...] mulheres que praticam esportes considerados masculinos têm que enfrentar estereótipos de gênero, combatendo a crença de que sua participação nesses esportes é menos valiosa do que a dos homens. (KNIJNIK e SOUSA, 2004, p.11)

É nesse contexto que o futebol feminino chegou a ser formalmente proibido no país, entre os anos de 1941 e 1979, com a justificativa de que as mulheres não poderiam praticar tal atividade devido a uma suposto "destino biológico": "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país" (BRASIL, 1941, art. 54). Em contrapartida, a seleção brasileira masculina já havia disputado três Copas do Mundo, e o documento que regulamenta o esporte para mulheres só foi feito em 1983.

A proibição, contudo, não conseguiu afastar por completo as mulheres da prática do esporte. Em maio de 1959, época em que o Conselho Nacional de Desportos (CND) ainda proibía o futebol feminino, as jogadoras do Araguari vestiram camisas do América-MG e do Atlético-MG, e fizeram um clássico no estádio Independência, em Belo Horizonte. Por se tratar de um grande clássico mineiro, na época, a partida contou com a presença de 20 mil torcedores, de acordo com o site Super Esportes. Esse é somente um exemplo, dentre vários, que aconteceram nessa época. Isso mostra que as pioneiras nunca desistiram, e, com isso, abriram caminho para que as jogadoras atuais pudessem ter melhores condições profissionais.

Para além da proibição de quase quatro décadas, é importante observar o imaginário em torno do futebol feminino frequente até os dias de hoje. Salvani e Marchi Júnior (2014) utilizam o conceito de dominação masculina para explicar o porquê de o futebol feminino permanecer com a visão de ser amador, o que se relaciona diretamente com o nosso projeto em relação ao preconceito e ao discurso:

A dominação masculina que é exercida pela ausência de incentivo por parte dos agentes em posição de destaque e dominantes nesse espaço, aparece de forma naturalizada quando alega que “criou-se um mau costume das atletas [...] elas não jogam se não ganhar alguma coisa”, explicitando e reproduzindo a visão masculina de que o futebol feminino é amador e não precisa de maiores incentivos. (SALVANI e MARCHI JÚNIOR, 2014, p.4)

Nesse cenário, a desigualdade entre as duas modalidades do esporte se manteve de diversas formas. Segundo o site da Uol, somente desde 2020 a CBF paga os mesmos salários às duas seleções quando são convocadas para defender o Brasil em campo, além dos mesmos valores em premiações. Entretanto, em competições como a Copa do Mundo, os valores continuam diferentes. Para a competição de 2023, a Federação Internacional de Futebol (FIFA), responsável pelos repasses, destinou apenas US\$ 60 milhões (R\$ 310 milhões) para a seleção feminina, enquanto que para a masculina o valor foi de US\$ 400 milhões (R\$ 2 bilhões) na Copa de 2022.

Em função disso, muitas atletas reivindicaram igualdade de salários e condições de trabalho. Marta Vieira da Silva, considerada a maior estrela do futebol feminino brasileiro (com o maior número de gols em Copa entre homens e mulheres), por exemplo, protestou algumas vezes. A jogadora já recusou patrocínios devido à desigualdade de valores, escondeu o símbolo da Nike do uniforme e entrou em campo com uma chuteira preta, sem nenhuma marca estampada, apenas o logo "Go Equal", que luta pela igualdade salarial na modalidade.

Franzini (2005) questiona o papel da mulher no chamado “país do futebol”, e, conseqüentemente, nossa identidade nacional. A inserção de mulheres nesse cenário implicaria na divisão do protagonismo com os homens nesse esporte tão popular e dominado majoritariamente por eles. Com isso, os questionamentos sobre as limitações das mulheres em determinados esportes não demoraram a surgir. “A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as reações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas”. (FRANZINI, 2005, p. 316).

Frente a tais posturas e práticas, não surpreende que as mulheres não sejam vistas como mais um sujeito da história do futebol brasileiro, e que o futebol feminino, em particular, seja um tema praticamente inexistente quando se fala sobre a trajetória do futebol em nosso país. (FRANZINI, 2005, p. 317)

Como sabemos, o futebol é parte importante da cultura brasileira e, sendo um espaço social que reflete a complexidade dos participantes, traz, também o que há de pior na sociedade: o machismo, que é ainda mais intensificado nesse ambiente, os atos racistas são vistos frequentemente e a violência entre torcidas, que é vista como normal nos estádios.

Assim, o futebol, que já serviu ao populismo, ao fascismo e ao totalitarismo, serviria agora ao totalitarismo do poder econômico, que lhe dá o seu rematado alcance mundial, e presta-se a promover a aceitação conformista do trabalho alienado, a mentalidade do puro rendimento, a competição brutal, a agressão, o sexismo, o fanatismo, o bairrismo, o ativismo irracional das torcidas, o desprezo pela inteligência e pelo indivíduo, o culto dos ídolos, a massificação, o autoritarismo, a fusão mística nos coletivismos tribais, a supressão do espírito crítico e do pensamento independente. (WISNIK, 2008, p. 43)

Este projeto exemplifica a presença desses preconceitos no futebol, especialmente na modalidade feminina. Além da proibição, ao longo da história, diversos fatos mostram como o futebol feminino foi diretamente afetado e preterido em relação ao masculino.

1.1. Mulheres no jornalismo esportivo

No âmbito do jornalismo esportivo, a participação das mulheres teve um processo diferente. De acordo com Santos (2012), em *“As bolas da vez: a invasão das mulheres no telejornalismo esportivo brasileiro”*, o interesse pelo esporte entre o público feminino acontece principalmente por meio da aparição de mulheres na modalidade e, também, a partir do momento em que elas tiveram acesso a profissões que não precisavam de curso superior na época, como é o caso do jornalismo. A partir da década de 1970, o número de mulheres nas redações já era considerável, entretanto, não nas editorias esportivas. A presença das mulheres se limitava aos temas como comportamento, saúde e moda. Com o crescimento do interesse feminino por esportes, a presença no jornalismo esportivo também aumentou gradativamente.

No jornalismo esportivo no Brasil, ao longo dos anos, diversos eventos esportivos e iniciativas isoladas contribuíram para que as mulheres conquistassem seu espaço na sociedade e na carreira profissional nesta área, a exemplo dos Jogos da Primavera, que nos anos 60 foram eventos promovidos especialmente para as mulheres. Em programas de rádio, podemos destacar a Rádio Mulher, programa esportivo realizado só por mulheres na década de 70. (SANTOS, 2012, p.12)

Mesmo com a crescente participação, a capacidade feminina na área era, e ainda é, questionada por pessoas que duvidam que uma mulher pode saber tanto quanto ou ainda mais que um homem sobre técnica, tática e outros assuntos relacionados ao futebol.

Dessa forma, quando a professora Silvana Goellner indica que “a inserção feminina do futebol pode ser vista como uma atitude transgressora porque as mulheres fizeram valer suas aspirações, desejos e necessidades, enfrentando um universo caracterizado como próprio do homem”, penso que a mesma transgressão vale

também para quem está atuando fora do campo, fora da prática desse esporte. (SILVANA, 2006, p.2 apud BONFIM, 2019, p. 171)

Sendo assim, a presença da jornalista ainda é limitada nos jogos, tanto como repórteres quanto como, comentaristas e narradoras, se comparado ao trabalho jornalístico masculino na beira do gramado. Em relação às que exercem a profissão na área, é comum encontrar nas redes sociais xingamentos e ofensas de cunho machista. Esse é um assunto que vem sendo discutido nos últimos tempos, com o crescimento de movimentos feministas que, cada vez mais, questionam o patriarcado e o machismo em ambientes de trabalho e em toda sociedade.

As diferentes ondas feministas trouxeram a passos lentos a presença de mulheres - além da própria constatação da ausência - e passaram a marcar uma explosão na área de produção historiográfica, elencando novas contribuições para pensar as diferenças entre os atores sociais, os cotidianos e suas relações. (BONFIM, 2019, p. 170)

Em “*A mulher no jornalismo esportivo*”, as autoras dissertam sobre as violências simbólicas sofridas pelas mulheres em seu ambiente de trabalho e sobre como elas eram destinadas a editorias menos populares:

A participação feminina “era aceita mais por uma questão financeira (mão de obra barata), do que de reconhecimento intelectual. Por isso, as editorias destinadas a elas eram de menor expressão social, como moda, casa, família, além de cadernos nas seções de receitas culinárias, de conselhos sobre educação infantil e comportamento familiar, ou de crônicas voltadas para o público feminino. (SANTOS, 2012, p. 4)

A figura da jornalista esportiva demorou a aparecer. Entretanto, com o avanço da participação feminina nos esportes, cresceu, também, sua presença no jornalismo esportivo.

No início do século XX, a mulher passou a não ser mais apenas espectadora das modalidades esportivas, ela se tornou atleta. Segundo Righi (2006), até o final do século as mulheres ainda lutavam para obter uma participação no esporte brasileiro. A partir do momento que estavam representadas no esporte, o jornalismo esportivo também passou a chamar a atenção feminina. (OLIVEIRA E OLIVEIRA, 2017, p.6)

Os anos passaram e algumas jornalistas começaram a ter destaque nessa editoria. Contudo, a imagem e a aparência física da mulher eram os motivos da contratação.

As mulheres foram utilizadas, inicialmente, não porque poderiam, de fato, contribuir com as redações, compartilhar seus conhecimentos ou porque as emissoras de TV,

jornais, resolveram democratizar as editorias de esporte. O feminino chegou às redações, salvo às exceções, devido à sua imagem, para fazer merchandising, atrair os olhares masculinos e quebrar o padrão de vozes e discursos dos apresentadores e comentaristas. (DORIGON, 2015, p.30).

Nos dias atuais, as mulheres continuam enfrentando problemas, como o assédio e os julgamentos em relação à capacidade de fazer um trabalho bem feito na área e até mesmo de entender conceitos de futebol, que, no passado, supostamente só os homens conheciam e podiam utilizar. Clarice Bessa (2006) critica o preconceito que envolve a atuação da jornalista esportiva em seu texto.

Pouquíssimas mulheres realmente podem exercer um cargo de comentarista (para emitir opiniões de verdade, não vomitar um script) principalmente quando têm contato direto com o público. Nós somos o país do futebol, porém julgamos as mulheres incompetentes no assunto. Muitas garotas já o praticam, mas falar sobre técnica e tática? Discutir se dá para a seleção jogar com dois centroavantes ou se meia é posição em extinção no Brasil? As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: mulheres podem jogar mas que não se profissionalizem nem tentem entender o assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só os machos têm competência para opinar, gerir e praticar. (BESSA apud RIGHI, 2006, p.32)

Como exemplo, temos o movimento "Deixa ela trabalhar", levantado por mulheres da área esportiva, após episódios de assédio no ambiente de trabalho. O movimento surgiu após a repórter Bruna Dealtry ter sido beijada à força por um torcedor, no jogo entre Vasco e Universidad do Chile, pela Copa Libertadores. Poucos dias depois, a repórter da Rádio Gaúcha, Renata Medeiros, foi agredida física e verbalmente, também por um torcedor, na partida entre Internacional e Grêmio. Com isso, jornalistas de todo o Brasil fizeram um vídeo com depoimentos de ataques sofridos por elas ao longo da carreira.

Em entrevista concedida para o jornal El País Brasil, a jornalista da ESPN, Bibiana Bolson, explicou o objetivo da campanha: "A ideia é dar uma resposta aos assédios e às situações recentes da Bruna e da Renata, que é também um pouco a história de todas nós, que já fomos assediadas nas redações, nos estádios e sofremos violência nas redes sociais".

Outra movimentação de destaque, que também aconteceu em 2018, foi a campanha chamada "Respeita as mina". Essa movimentação se expandiu para diversas áreas, incluindo em atos durante o carnaval, apoiados por prefeituras, governos estaduais e Governo Federal. No futebol, o destaque ficou por conta do Corinthians. O clube paulista lançou uma camisa em parceria com a Nike, para apoiar o movimento.

As mulheres envolvidas no cenário esportivo, tanto as jogadoras como as jornalistas, tiveram que lutar muito para alcançar um papel de protagonismo, e não apenas de coadjuvante. Hoje, temos mais referências femininas no futebol. Elas estão no comando de programas esportivos como apresentadoras, narradoras, comentaristas e repórteres de campo. Apesar da conquista desse espaço, o tratamento, em alguns momentos, é diferenciado devido ao ambiente machista e com raízes estruturalmente masculinas.

A conquista de espaço começou ainda na década de 1960, com dois nomes: Germana Garilli, conhecida como Gegê, e Semíramis Alves Teixeira. Semíramis foi uma das primeiras repórteres e cronistas de futebol no Brasil, com trabalhos na Rádio Nacional, TV Tupi e Gazeta Esportiva, entre 1963 e 1971. Ela também trabalhou como setorista em grandes clubes brasileiros, como São Paulo, Santos e Palmeiras. Já Gegê escreveu para a Tribuna Ituana em 1962, Tribuna Franca em 1968 e Gazeta de Santo Amaro em 1972. Esse último trabalho ganha destaque pelo espaço "A Bola é Dela". Gegê também teve uma carreira esportiva na modalidade na década de 1970, no Atlético Indiano.

A continuidade das mulheres no cenário do jornalismo esportivo teve o peso do surgimento de uma emissora de rádio: a Rádio Mulher, criada em São Paulo, em 1997, e formada exclusivamente por profissionais mulheres. Nela, as primeiras equipes completamente femininas a cobrir e transmitir jogos de futebol começaram a aparecer. Participante da rádio, a primeira voz feminina a narrar uma partida foi a de Zuleide Ranieri. Além dela, Claudete Troiano também foi locutora e repórter de campo pela Rádio Mulher. Na TV, também em 1997, mais precisamente em setembro, Luciana Mariano fazia história como a primeira narradora, pela Bandeirantes.

2 PODCAST

A origem do formato é do início dos anos 2000 e o nome “podcast” vem da junção entre iPod, aparelho reproduzidor mp3 da *Apple*, muito popular na época, e da palavra *broadcast*, que significa transmissão, em inglês. Com isso, temos uma transmissão de áudio ou rádio por demanda, o crescente podcast. Seu surgimento também está vinculado à emergência da chamada web 2.0, conceito que abrange o desenvolvimento de relações mais horizontais entre os diversos atores sociais conectados à rede mundial de computadores (ANTOUN e PECINI, 2007). Com essa justificativa, é estabelecida a possibilidade de ouvir on-line e de fazer o download desse tipo de arquivo para ouvir quando e onde quiser.

Para a discussão sobre o podcast como um produto jornalístico, Ferrareto afirma que:

[...] pode-se, de certo modo, dizer que, na atualidade e sob a influência de novas modalidades suscitadas pelo avanço tecnológico, constitui-se rádio aquilo ao qual o ouvinte atribui esta caracterização, aquilo que ele necessita, identifica e utiliza como tal. Em termos da forma e do conteúdo da mensagem, a referência tem de ser a presença de elementos que conformam a chamada linguagem radiofônica: a voz humana, a música, os efeitos sonoros e o silêncio. Há que pressupor, ainda, alguma estratégia de sintonia. Tudo isto, considerando também que o público, tomado anteriormente apenas como ouvinte, passa a ser encarado como usuário multimídia, vagando, no espaço real ou virtual, de uma a outra forma de obter conteúdo ou, para usar um termo desta nova era, surfando entre elas. (FERRARETO, 2007, pg.8)

Dessa forma, podemos pensar que os elementos que configuram o radiojornalismo também podem estar relacionados às características do podcast jornalístico. Como, por exemplo, a linguagem utilizada pelos locutores, o modo de comunicação, a interação, os recursos sonoros, o silêncio, a entonação e os efeitos. Ou seja, as mesmas possibilidades estão disponíveis para ambos os formatos.

O rádio convencional, de natureza massiva, é direcionado aos ouvidos de todos, sem segmentação de público. Com isso, as mídias digitais têm um papel importante na descentralização da informação, como aponta Maria Cristina Castilho Costa:

Se a comunicação de massa tendeu sempre à centralização e à unidirecionalidade, com poucos dirigindo-se a muitos (a massa), nas mídias digitais esse modelo se desregulamenta, sendo possível um usuário falar com outro, um dirigir-se a muitos, muitos comunicarem-se com muitos e um navegador isolado interagir apenas com a máquina (COSTA, 2002, p.82)

Para além da descentralização da informação, as novas mídias, falando especificamente do podcast, possibilitam, também, uma maior interação e imersão para o ouvinte. O formato permite a produção direcionada para públicos segmentados, oferece a oportunidade da difusão de determinado assunto sem precisar contar, necessariamente, com as mídias tradicionais ou com um grande investimento financeiro, é flexível em relação ao tempo, já que não faz parte de programações rígidas de emissoras e ainda apresenta dados de consumo crescentes.

O podcast é um formato que tem diversidade em editorias e consegue alcançar públicos distintos, além da facilidade de consumo, já que está presente em plataformas variadas e pode acompanhar o ouvinte durante atividades corriqueiras. Segundo a pesquisa da Globo com o Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (Ibope), 44% das pessoas ouvem algum podcast durante tarefas domésticas, 25% ouvem enquanto se preparam para dormir, 24% quando estão no trânsito, 20% praticando atividades físicas e 18% ouvem durante os cuidados pessoais.

Ainda de acordo com a pesquisa da Globo em parceria com o Ibope, 57% dos entrevistados começaram a ouvir áudio digital durante a pandemia de Covid-19. Esse consumo levou o Brasil ao 5º lugar no ranking mundial sobre o crescimento acelerado da popularização desse meio de comunicação.

Outro ponto importante para o surgimento do podcast começa no rádio, uma vez que os diferentes formatos possíveis em podcast são tributários da linguagem radiofônica, que hoje não se limita mais às emissoras tradicionais:

O rádio é hoje um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, sites de jornais, portais de música.' A escuta se dá em frequência modulada (FM), ondas médias (AM), curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios). (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 1)

Com a constante evolução tecnológica, o rádio se adaptou à popularização da TV à internet, crescentes nos anos 1990.

Num cenário de crescente convergência midiática, o rádio foi forçado a se reinventar mais uma vez e, surpreendentemente, mostrou maior capacidade de reação do que outros meios de comunicação - notadamente, o segmento de jornais, com a acentuada erosão das tiragens dos diários de referência. Relegado a um papel de coadjuvante desde a popularização da TV, o rádio renasce amalgamando-se à rede mundial de

computadores e às redes de telefonia móvel, encontrando novos e diversificados canais de distribuição. (KISCHINHEVSKY, 2017, p. 1)

De acordo com Ferraretto (2014), a linguagem radiofônica engloba o uso da voz humana (em geral, na forma da fala), da música, dos efeitos sonoros e do silêncio, atuando isoladamente ou combinados entre si. Esses elementos são essenciais para a criação de uma experiência imersiva para o ouvinte, o que ajuda nosso trabalho a desenvolver uma conexão entre quem consumir o podcast e a história contada. A ideia de linguagem radiofônica foi definida também por Ferraretto (2007) para ampliação do entendimento do rádio para além das emissões eletromagnéticas, abarcando ou se aproximando de novas manifestações sonoras associadas à internet.

De início, suportes não hertzianos como web rádios ou o podcasting não foram aceitos como radiofônicos (...]. No entanto, na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada. (FERRARETTO e KISCHINHEVSKY, 2010b, p. 1010)

A produção do formato também é crescente. Uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira de Podcasters (Abpod), em 2021, mostra que 70,3% dos produtores começaram a fazer podcasts a partir de 2018, e a estimativa é de que haja, atualmente, 34,6 milhões de ouvintes no Brasil.

Entre aqueles que usam o podcasting para atividade sem fins lucrativos, há produtores independentes e amadores de programas radiofônicos cujo único canal de distribuição é o podcasting: como ocorria com os entusiastas do rádio antes da emergência da radiodifusão, os piratas das rádios livres européias nos anos 1960 e 1970 e os aficionados do streaming em meados dos anos 1990, o podcasting também é adotado por milhares de cidadãos individuais e geeks ao redor do mundo (majoritariamente ocidental e conectado à internet), curiosos para experimentar o meio como uma forma de expressão pessoal. (BONINI, 2015, p.20)

Assim sendo, consideramos que tais características são necessárias para alcançarmos o público de forma imersiva, fazendo com que o interesse pela história do futebol feminino seja amplamente reconhecido e validado por meio do nosso trabalho.

2.1 Narrativa imersiva em áudio e storytelling

O formato de podcast possibilita a criação de narrativas imersivas factuais ou ficcionais de diversas maneiras. A tradução da expressão storytelling é contar uma história.

Nesse método, utiliza-se recursos sonoros para elaborar uma narrativa. Ao utilizar tais recursos, especificamente no meio radiofônico, o locutor busca prender a atenção do ouvinte e levá-lo a uma experiência imersiva por meio de paisagens sonoras, como efeitos, trilhas e transições. De acordo com Viana (2021, p.5) "o rádio tem historicamente a sensorialidade como característica que visa envolver o ouvinte em suas narrativas".

Como fator específico do meio sonoro, utilizamos a criação de um universo imaginário graças à presença de sons e efeitos que remetem aos ambientes nos quais as edições das Copas se passam: nos países sede, no estádio, durante as viagens, entre outros. Para isso, utilizamos músicas características dos países, sons de viagens, apito e efeitos que remetem a uma partida no estádio. Além disso, foram importantes para a construção do ambiente sonoro, os tons de fala, o silêncio e a música de fundo. A intenção é que os elementos artísticos ajudem as(os) ouvintes a imaginarem o cenário e que eles se sintam parte integrante dele. A forma de narrar os acontecimentos vai promover a interação entre as locutoras, visando prender a atenção da(o) ouvinte.

Além disso, o radiojornalismo narrativo em podcasts pode trazer uma construção narrativa dos fatos relatados, com rica descrição de ambientes e situações. O uso da primeira pessoa pelos apresentadores é recorrente, tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados com o jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos (KISCHINHEVSKY, 2018, p.79)

Dessa forma, procuramos nos beneficiar de tais recursos sonoros para potencializar a experiência dos nossos ouvintes e proporcionar uma pequena “viagem” aos caminhos percorridos pela nossa seleção feminina de futebol.

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

O podcast O Campo é Delas tem o objetivo de contar a história da seleção brasileira feminina, com foco na participação em competições mundiais. Para este Trabalho de Conclusão de Curso serão apresentados os primeiros dois episódios de uma série total de oito.

3.2 Objetivos específicos

- a) Pesquisar, colher dados e curiosidades sobre a história da seleção brasileira feminina de futebol.
- b) Investigar quais fatores impedem a popularização do futebol feminino, apresentando um histórico da modalidade no Brasil, por um viés jornalístico.
- c) Promover a devida notoriedade e reconhecimento para as protagonistas do futebol feminino brasileiro.
- d) Popularizar e divulgar informações e curiosidades, e resgatar a história do futebol feminino, passando desde a primeira geração da seleção brasileira.

4 PROPOSTA

O produto tem como linguagem uma construção documental imersiva, combinada com a aproximação da(o) ouvinte da história por meio do storytelling, de forma que a escuta se torne informativa e prazerosa. Pretendeu-se não fazer apenas uma narração, mas sim uma interpretação da reportagem histórica. Por isso, abordamos aspectos interessantes, curiosos, dolorosos e corajosos, ao longo da caminhada das mulheres no futebol, e demos destaque a personagens importantes, que, muitas vezes, são invisibilizadas pela mídia tradicional. Utilizamos o fato de que o podcast otimiza o tempo da escuta para criar um produto que possa ser ouvido em qualquer local, sem se tornar maçante.

Inicialmente, foram produzidos dois episódios que contam um pouco do começo da carreira das nossas jogadoras no futebol. Posteriormente, produziremos os seis episódios restantes. Para desenvolver os roteiros, fizemos entrevistas por video-chamada com algumas jogadoras, além de buscar em jornais, revistas e museus, alguns fatos sobre a história do futebol feminino brasileiro.

4.1 Temáticas Transversais

Nós escolhemos sete temáticas para direcionar o processo de apuração e produção, e que, além disso, estarão presentes nos episódios de diversas formas, com o objetivo de sustentar o entendimento da falta de reconhecimento do futebol feminino ao longo do tempo, além do contexto histórico, político e social em que as Copas se inserem. Para falarmos da desigualdade e da falta de oportunidades no futebol brasileiro, precisamos passar por assuntos como sexismo, **machismo** e **feminismo**. São temas que nos ajudaram a entender um pouco mais sobre o meio esportivo dominado pelos homens e sobre a tentativa das mulheres de ganharem espaço. E, para falar sobre o esporte em si, compreendido como uma modalidade esportiva, das dificuldades das partidas, trajetória das jogadoras, trouxemos as temáticas: **futebol, futebol feminino, jornalismo esportivo feminino e clubes com equipes de futebol feminino**.

Entretanto, como optamos por fazer somente os dois primeiros episódios do projeto para a defesa do trabalho, não conseguimos abordar todas as temáticas presentes no memorial. Alguns temas, como machismo, futebol feminino e clubes com equipes de futebol feminino,

tiveram uma presença mais evidente para a construção dos episódios iniciais. Com isso, decidimos deixar todas as temáticas presentes no memorial, pois, futuramente vamos precisar delas para nos orientar na construção dos demais episódios.

a) Sexismo

O sexismo é a discriminação de gênero, definindo e limitando quais costumes devem ser respeitados por cada sexo. O sexismo pode afetar diferentes gêneros, mas é muito comum identificá-lo na relação de superioridade estabelecida entre o homem e a mulher. No futebol, isso não é diferente, por muito tempo o esporte foi considerado exclusivamente masculino, colocando as mulheres como frágeis para uma modalidade de tanto contato físico. Essa discriminação sexual atrasou o crescimento da modalidade e ainda contribui para fortalecer e enraizar o preconceito contra as atletas.

b) Machismo

O machismo é a oposição à igualdade de direito entre os gêneros. É o preconceito praticado por quem inferioriza as mulheres em relação aos homens, nos aspectos físicos, intelectuais e sociais e defende que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem.

c) Feminismo

Diferente do machismo, o feminismo é um movimento social, político e filosófico que luta por igualdade entre homens e mulheres. É um assunto que vem sendo amplamente debatido nos últimos tempos. Mas, ao contrário do que muitos pensam e pregam, a luta não é para que as mulheres sejam superiores aos homens, mas sim que tenham os mesmos direitos e reconhecimento, ou seja, que haja a igualdade entre os gêneros. O feminismo é um movimento social de quebra da hierarquização histórica do sexo masculino, do sexismo e do machismo. De acordo com o site InfoEscola, a Primeira Onda Feminista, que aconteceu em meados do século XIX, reivindicava o voto feminino e outros direitos civis, com as sufragistas. Ainda segundo o mesmo site, a Segunda Onda aconteceu no século XX, e tinha como lema “O pessoal é político”, discutindo questões femininas no campo da política e a opressão com base no sexo, em busca da equidade e do fim da discriminação.

d) Futebol

Parece irônico o conceito de futebol estar presente aqui. No entanto, muitas vezes, a cobertura do futebol feminino privilegia aspectos políticos, deixando pouco explorados aspectos mais

específicos da prática esportiva, dos jogos, dos esquemas táticos e da emoção em torno das disputas. As partidas são disputadas por duas equipes com 11 jogadores, e o grande objetivo é marcar gols, sem utilizar as mãos. O jogo tem duração de 90 minutos, dois tempos de 45 minutos, com um intervalo de 15 minutos. O esporte, como conhecemos hoje, teve origem na Inglaterra e se difundiu para o mundo. No entanto, há informações de jogos com bola nos pés desde A.C. Atualmente, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) é o órgão que organiza o futebol a nível internacional. A cada quatro anos, a FIFA promove o maior evento esportivo: a Copa do Mundo. O Mundial masculino foi disputado pela primeira vez em 1930. No Brasil, o esporte chegou em 1894, trazido por Charles Miller. O futebol é uma das expressões culturais mais fortes do país, movimentando milhões de torcedores apaixonados por seus times. Apesar de refletir aspectos negativos da sociedade, o futebol também é lugar de amor, companheirismo, dedicação, e lutas políticas e sociais. Alguns dos nomes mais famosos nesse último aspecto são os de Sócrates, da Democracia Corinthiana, que lutou contra a ditadura militar, e o de Reinaldo, do Atlético Mineiro, que comemorava os gols com o punho cerrado, desafiando o comando do regime militar. Esses são apenas alguns exemplos de como o futebol não deve se desvincular de outras questões, já que é um importante e popular meio de debate sociocultural. Os torcedores acabam criando um estilo de vida relacionado ao futebol, dedicando tempo, adquirindo materiais esportivos e comparecendo aos jogos. A paixão pelo esporte é, muitas vezes, passada por gerações e movimenta o sonho de milhares de jovens que desejam fazer parte do mundo futebolístico.

e) Futebol feminino

É uma modalidade praticada apenas por equipes compostas por mulheres e possui as mesmas regras do futebol masculino. De acordo com o site da FIFA, em 1885 foi disputada a primeira partida oficial entre mulheres. Porém, as primeiras referências surgiram nos anos 1920. No Brasil, a modalidade esteve proibida entre 1941 e 1979, pelo decreto-lei 3.199, por ser “incompatível com a natureza feminina”. Apenas em 1983, o futebol feminino foi regulamentado no país. Em 1988, o primeiro Torneio Experimental, em 1991 a primeira Copa e em 1996 a primeira Olimpíada.

f) Jornalismo esportivo feminino

O jornalismo esportivo é o segmento da profissão que se dedica à cobertura de eventos de esportes. Como todo o ambiente do futebol, o jornalismo esportivo também convive com o machismo. A partir de 2018, esse cenário começou a mudar com a exposição do tratamento

desigual e desrespeitoso sofrido pelas mulheres. O movimento #DeixaElaTrabalhar marcou a luta contra o assédio e o abuso no dia a dia das jornalistas. Desde então, há um início de inclusão de mulheres narrando jogos, comentando e apresentando programas esportivos.

g) Clubes com equipes de futebol feminino

Em 1983 surgem os primeiros times de futebol profissional do país: o Radar (RJ) e o Saad (SP). O primeiro citado, inclusive, foi a base da primeira Seleção Brasileira. Na década de 1990, Santos e São Paulo criaram clubes femininos. Em 2019, são 52 clubes femininos em duas divisões, e 5200 atletas federadas na CBF.

5 DIÁRIO DE CAMPO

A produção deste trabalho se inicia bem antes da apuração, das conversas e das entrevistas com as jogadoras. Em um primeiro momento, nosso grupo contava com três participantes que têm uma ligação profunda com o esporte, em especial o futebol. Junto ao sonho de estar nesse meio, estão as inquietações de mulheres que sentem na pele os problemas do ambiente futebolístico, como a dificuldade de acompanhar o Campeonato Brasileiro Feminino, por exemplo. Essas questões nos impulsionaram a construir um trabalho que aborde nossas dúvidas e, possivelmente, ajude com o devido reconhecimento que a seleção feminina de futebol merece.

Para conhecer a história, partimos para um caminho de pesquisa acessando relatos disponíveis em reportagens e entrevistas. Esse foi um momento complicado durante o percurso, pela dificuldade em encontrar informações relacionadas à modalidade, principalmente vindas de fontes seguras. Durante a pesquisa, também levantamos materiais sobre atletas que formam ou formaram o elenco da Seleção, como uma forma de apontar as nossas prováveis fontes. Isso nos possibilitou ter mais informações sobre as jogadoras, sobre a comissão técnica e etc.

Como parte da pré-apuração para o desenvolvimento do podcast, fizemos breves sinopses dos oito mundiais, levantando informações como o ano de realização, a sede, as equipes participantes e as primeiras colocações. Esse material está disponível no Anexo II deste trabalho.

Utilizamos fontes históricas sobre o futebol feminino. Fizemos contato com algumas jogadoras das primeiras gerações da seleção brasileira e, também, com as atuais, mas esbarramos nas assessorias e não conseguimos entrevistas com jogadoras como Marta, Cristiane e Formiga. Antes mesmo do cenário da pandemia de Covid-19, optamos por realizar entrevistas remotas, via o software *Skype*, em função das distâncias entre nós e as fontes. Entrevistamos, desse modo, Marcia Taffarel, Sissi do Amor, Leda Maria, entre outras. Gravamos as entrevistas e depois transcrevemos para saber quais trechos utilizar na edição dos episódios. Além disso, nos baseamos em documentos, em bancos de dados, em artigos, em jornais, em arquivos de revistas, em materiais on-line e em reportagens de todos os formatos como fonte de pesquisa para obter mais informações sobre o futebol feminino e a

prática do mesmo em todas as épocas, principalmente durante as Copas do Mundo, incluindo durante o período de proibição.

O episódio 1, “Piloto”, tem duração de 21 minutos e 12 segundos e o episódio 2, “1991 A Primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino”, tem duração de 13 minutos e 49 segundos, intercalando narração das apresentadoras, participação de convidadas(os) e sonoras das jogadoras entrevistadas. Para levar o ouvinte pela história, escolhemos, em conjunto com a narração, trilhas sonoras que remetem imediatamente ao futebol brasileiro, e efeitos que simulam passagem de tempo e que são assimilados ao futebol, como o apito de um juiz e os gritos de torcida. As músicas “Na cadência do samba”, de Luiz Bandeira e “Brasileirinho”, de Waldir Azevedo, iniciam os episódios e permanecem durante os primeiros minutos.

De acordo com o andamento da história, os backgrounds são formados por trilhas que passam o sentimento do momento narrado, como tensão, drama, ironia, coragem e alegria. Para auxiliar o ouvinte a se colocar no ambiente apresentado, usamos trilhas específicas para alguns trechos, como a música “*Circus Music*”, do grupo *The Hit Crew*, durante a fala sobre as apresentações de circo², além de uma trilha instrumental de estilo chinês para ambientar os sentimentos e impressões das jogadoras durante a copa de 1991. Os efeitos auxiliam a(o) ouvinte a se localizar na história, como no uso do tique-taque do relógio para simular a passagem do tempo.

Com isso, a nossa intenção foi de construir um produto dinâmico, em que a(o) ouvinte tenha uma experiência de imersividade, participação e viagem no tempo. O objetivo é que seja feita uma série de oito episódios, em referência ao total de copas disputadas até aqui. No entanto, para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) serão apresentados somente os dois primeiros, devido à limitação de materiais para a produção e às dificuldades enfrentadas durante a pandemia. Posteriormente, a nossa intenção é buscar financiamento para os episódios seguintes por meio de plataformas como o “Apoia-se” e “Catarse”, que dão ao público a possibilidade de contribuir de forma financeira para o crescimento do projeto.

Como muitos alunos, nós também enfrentamos dificuldades durante o período de pandemia de Covid-19. Vivemos diversos obstáculos financeiros, além de um esgotamento mental e, durante alguns momentos, um certo desânimo devido a esses fatores. Não bastasse

² As primeiras aparições de mulheres jogando futebol aconteceram em circos, no século XX e eram consideradas uma atração do espetáculo. As atrizes se vestiam com camisas de times locais para atrair o público.

os nossos problemas pessoais, tivemos que lidar com um momento obscuro em nossa política, como o atraso na liberação das vacinas e o negacionismo do atual presidente da república.

O afastamento físico da universidade também foi um ponto importante para que o processo se tornasse mais difícil. Vivemos quatro anos de uma graduação presencial, e, de repente, nos vimos de volta a ambientes, cidades e realidades completamente diferentes que exigiram de nós uma adaptação rápida e efetiva, em meio ao medo de contrair Covid, perder alguém que amamos para a doença e o sentimento de culpa por não conseguirmos nos dedicar ao trabalho da maneira que imaginamos no início da produção em 2019.

Felizmente, contamos com a compreensão e com o apoio do nosso orientador Carlos Jáuregui, das (os) convidadas (os) que participaram com locuções, como a Evelin Ramos e o Mayron Brito, egressos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, além do técnico Thiago Caldeira durante esse árduo processo e conseguimos enfim finalizar essa mais etapa da graduação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol, na modalidade masculina, é uma paixão nacional. Onde está a feminina? Essa é uma pergunta que buscamos responder com a produção do podcast O Campo é Delas, contando a história do futebol feminino com a participação de jogadoras da primeira geração da seleção. Notamos que a falta de conhecimento da modalidade no Brasil é um dos empecilhos para que a população valorize o futebol feminino.

Com a grande visibilidade do formato, escolhemos o podcast para compartilhar as informações e contar as histórias das pioneiras do futebol feminino brasileiro. Dessa forma, podemos alcançar quem ainda não conhece a trajetória das mulheres nesse esporte que é tão popular no Brasil, além de trazer curiosidades, fatos desconhecidos e um pouco da vida pessoal das nossas jogadoras para quem gosta e já acompanha a modalidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila. **Montar time feminino é exigência para equipes da Série A 2019; veja situação dos clubes.** Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/noticia/montar-time-feminino-e-exigencia-para-equipes-da-serie-a-2019-veja-situacao-dos-clubes.ghtml>> Acesso em 6 jan. 2022.

BONFIM, Aira. **Visibilidade ao invisível? A formação de acervos públicos sobre o futebol de mulheres no Brasil.** 2019, p. 171. Disponível em: <https://issuu.com/editoraxeroca/docs/elas_e_o_futebol> Acesso em: 10 mai. 2022.

BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo.** Disponível em <<https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315>> Acesso em 15 de maio de 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** Trad. Maria Helena Kühner, -3º ed. - Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas.** Campinas: Papirus; 1996.

BOURDIEU P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2007.

CASTELLANI, Lino. **Esporte e mulher.** Revista Online Motrivivência - Revista de Educação Física, Esporte e Lazer, v. 2, p. ,89, 1989. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19616/17945>> Acesso em 26 de maio de 2022.

CHIDIAC, Paula. **Em mercado dominado por edições impressas, e-books e audiolivros crescem no Brasil.** Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/livros/noticia/2021/08/em-mercado-dominad>

[o-por-edicoes-impresas-e-books-e-audiolivros-crescem-no-brasil-cksdk5g4001c013bqkefe776.html](https://www.museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/624699/)> Acesso em 6 jan. 2022.

Centro de Referência do Futebol Brasileiro. **Zuleide Ranieri Dias**. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/624699/>> Acesso em 17 jan. 2022.

Centro de Referência do Futebol Brasileiro. **Semíramis Alves Teixeira**. Disponível em: <<https://museudofutebol.org.br/crfb/personalidades/614663/>> Acesso em 17 jan. 2022.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Ficção, Comunicação e Mídias**. São Paulo: Ed. SENAC, 2002.

DALMOLIN, Aline; MARONEZ, Indira. **Audiolivro e história das tecnologias de gravação e reprodução sonora: um produto em construção** - Anais do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-sonora-1/audiolivro-e-historia-das-tecnologias-de-gravacao-e-reproducao-sonora-um-produto-em-construcao/view>> Acesso em: 9 mai.2019.

DAMASCENO, Renan. **Há 60 anos, clássico feminino entre América e Atlético lotou Independência graças ao pioneirismo de clube do Triângulo Mineiro**. Disponível em: <https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/interior/2019/03/22/noticia_interior.573982/ha-60-anos-classico-feminino-entre-america-e-atletico-lotou-o-horto.shtml>. Acesso em 23 nov. 2019.

DIBRADORAS. **Sem investimento, Brasil teve melhor Seleção Feminina da história em 2007**. Disponível em: <<https://dibradoras.com.br/2020/05/05/sem-investimento-brasil-teve-melhor-selecao-feminina-da-historia-em-2007-2/>> Acesso em 6 jan. 2022.

DORIGON, Bruna Tamanini. **Mulheres em campo: jornalistas esportivas sob a ótica das estudantes de jornalismo**. 2015. 63 folhas. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em

Comunicação Social - Jornalismo) - Centro de Ciências Empresariais e Sociais Aplicadas, Unidade Catuaí, UNOPAR, Londrina, 2015.

EXAME. Clubes precisarão ter time feminino para jogar Libertadores. Disponível em: <<https://exame.com/casual/clubes-precisarao-ter-time-feminino-para-jogar-libertadores/>> Acesso em 6 jan. 2022.

EXTRA. Pandemia provoca aceleração do consumo de podcasts no Brasil, revela pesquisa. Disponível em: <<https://extra.globo.com/economia-e-financas/pandemia-provoca-aceleracao-do-consumo-de-podcasts-no-brasil-revela-pesquisa-25120095.html>> Acesso em 27 de abr. de 2022.

FERRARETTO, L. A. Possibilidades de convergência tecnológica: pistas para a compreensão do rádio e das formas do seu uso no século 21. In: 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0046-1.pdf>>> Acesso em 29 de abr. de 2022.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol - Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328 - 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000200012>. Acesso em: 10 mai. 2019.

G1. Menos de 40% dos brasileiros dizem praticar esporte ou atividade física; futebol e caminhada lideram práticas. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/menos-de-40-dos-brasileiros-dizem-praticar-esporte-o-u-atividade-fisica-futebol-e-caminhada-lideram-praticas.ghtml>> Acesso em 7 jan. 2022.

GOMES, Marilise. 'Deixa Ela Trabalhar': jornalistas se unem em campanha contra assédio. Entenda! Disponível em:

<https://www.purepeople.com.br/noticia/-deixa-ela-trabalhar-campanha-contr-assedio-reune-jornalistas-saiba-mais_a221454/1> Acesso em 12 jan. 2022.

JÚNIOR, Antônio Gasparetto. **Primeira Onda Feminista.** Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/segunda-onda-feminista/>> Acesso em 6 jan. 2022.

KISCHINHEVSKY, Marcelo e HERSCHMANN, Micael. A “**geração podcasting**” e os **novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento.** Disponível em <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806>> Acesso em 1 de mai. de 2022.

KNIJNIK, J. D.;SOUZA, J. S. S. **Diferentes e desiguais: relações de gênero na mídia esportiva brasileira.** In.:SIMÕES, A.C.;KNIJNIK,J. D. (Orgs.).O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho. São Paulo:Aleph, 2004.p. 191-212

La apasionante CONMEBOL Libertadores conoce sus primeros duelos. Disponível em: <<https://www.conmebol.com/sites/default/files/reglamento-de-licencia-de-clubes-espanol.pdf>> Acesso em 6 jan. 2022.

LEE, Paul; WRAY, Izzy; WESTCOTT, Kevin; RAVIPRAKASH, Suhas. **Women’s sports gets down to business: On track for rising monetization.** Disponível em: <<https://www2.deloitte.com/xe/en/insights/industry/technology/technology-media-and-telecom-predictions/2021/womens-sports-revenue.html>> Acesso em 6 jan. 2022.

LIMA, Ísis. **Dia do Podcast: o que é? Como surgiu no Brasil? Saiba tudo e conheça os programas da Rádio Jornal.** Disponível em: <<https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/10/19/dia-do-podcast-o-que-e-como-surgiu-no-brasil-saiba-tudo-e-conheca-os-programas-da-radio-jornal-218078/index.html>> Acesso em 1 de mai. de 2022.

LORDELLO, Vinícius. **Futebol feminino atrai mais audiência e novos patrocinadores.** Disponível em :

<<https://exame.com/blog/esporte-executivo/futebol-feminino-atrai-mais-audiencia-e-novos-pa-trocinadores/>> Acesso em 6 jan. 2022.

MENDONÇA, Renata. **2018 ou 1940? As mentiras já inventadas para acabar com o futebol feminino.** Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2018/12/21/2018-ou-1940-as-mentiras-ja-inventadas-para-acabar-com-o-futebol-feminino/>> Acesso em 21 nov. 2019.

MENDONÇA, Renata. **30 milhões viram Brasil X França, a maior audiência da história da Copa.** Disponível em: <<https://dibradoras.com.br/2019/06/25/30-milhoes-viram-brasil-x-franca-a-maior-audiencia-da-historia-da-copa/>> Acesso em 1 de mai. de 2022.

MOLINERO, Bruno. **Onda de podcasts cria aposta por crescimento dos audiolivros no Brasil.** Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/onda-de-podcasts-cria-aposta-por-crescimento-dos-audiolivros-no-brasil.shtml>> Acesso em 21 nov. 2019.

MONTAGNANA, Laís, FREITAS, Bruno e CARNEIRO, Leandro. **“Intrusas” no gramado.** Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#no-exteriores-as-historias-sao-iguais>> Acesso em 7 jan. 2022.

OLIVEIRA, Ana Paula, OLIVEIRA, Nathalia Lainetti. **A mulher no jornalismo esportivo -** Revista Observatório, Palmas, v.3, n.5, p. 402-424, agosto.2017. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3326>> Acesso em: 10 mai. 2019.

REVISTA PLACAR. **Salário do futebol feminino brasileiro se equipara ao da Série C masculina.** Disponível em <<https://placar.abril.com.br/esporte/salario-do-futebol-feminino-brasileiro-se-equipara-ao-da-serie-c-masculina/>> Acesso em 15 de mai. de 2022.

RIGHI, Anelise Farenzena. **As donas Da Bola: Inserção e atuação das mulheres no jornalismo esportivo**. 2006. 84 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) – UNIFRA, Santa Maria, RS, 2006.

ROSSI, Marina. **#DeixaElaTrabalhar: a nova investida de mulheres jornalistas contra o machismo**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/23/politica/1521823054_844544.html Acesso em 12 jan. 2022.

SALVANI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **Guerreiras de chuteiras na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no Futebol Feminino Brasileiro** - Universidade Federal do Paraná (UFPR), Departamento de Educação Física, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v30n2/1807-5509-rbefe-30-2-0303.pdf> Acesso em: 10 mai. 2019.

SANTANA, Amanda Monique Porfírio Ribeiro de; BADIALLI, Michelle Ferret. **A Visibilidade do Futebol Feminino no Brasil: Uma análise descritiva das publicações do Sportv e Planeta Futebol Feminino** - Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2017. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1871-1.pdf> Acesso em: 10 mai. 2019.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo televisivo brasileiro**. 2012. 40 folhas. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo), Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf> Acesso em 10 mai. 2019.

VIANA, Luana. **O uso do storytelling no radiojornalismo narrativo**. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/167321>> Acesso em 27 de abril de 2022.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil**. 2008.

ANEXOS

Anexo I - Sinopse das Copas

1991

Resumo:

A Copa do Mundo de 1991 foi a primeira edição feminina e, pela primeira vez na história, seis mulheres foram nomeadas árbitras ou árbitras assistentes pela FIFA. A brasileira Cláudia Vasconcelos foi árbitra da partida que decidiu o terceiro lugar (Suécia 4 x 0 Alemanha) e foi a primeira mulher a apitar neste nível de reconhecimento pela FIFA.

O time vencedor da competição, Estados Unidos, ganhou o apelido de "Espada de três gumes" por ser liderado pelo trio ofensivo formado por Akers, que jogava centralizada, e por Jennings e Heinrichs, que jogavam pelas laterais. A maior goleada aconteceu na partida entre Estados Unidos e Taiwan pelo placar de 7x0, com cinco gols de Michelle Akers (recorde individual ainda não superado).

País-sede: China

Época do ano: 16 de novembro a 30 de novembro de 1991 (a partida de abertura e a final aconteceram em Guangzhou, no Tianhe Stadium).

Número de equipes: 12 países (49 durante as eliminatórias). A China se classificou automaticamente por ser o país sede.

Representação dos continentes: 5 da Europa (Noruega, Suécia, Alemanha, Itália e Dinamarca), 3 da Ásia (China, Taiwan - *Chinese Taipei* - e Japão), 1 da África (Nigéria), 1 da América do Sul (Brasil), 1 da América do Norte (Estados Unidos) e 1 da Oceania (Nova Zelândia).

Campeãs: 1ª colocada: Estados Unidos | 2ª colocada: Noruega | 3ª colocada: Suécia

Melhores jogadoras:

- Bola de Ouro:** Carin Jennings (EUA)
- Bola de Prata:** Michelle Akers (EUA)
- Bola de Bronze:** Linda Medalen (Noruega)

Artilheira:

- **Chuteira de Ouro:** Michelle Akers (EUA) - 10 gols (maior número de gols já marcado por uma só jogadora em uma edição)

- **Chuteira de Prata:** Heidi Mohr (Alemanha) - 7 gols
- **Chuteira de Bronze:** Linda Medalen (Noruega) e Carin Jennings (EUA) - 6 gols

Melhor goleira: O prêmio “Luva de Ouro” foi instituído a partir de 2003.

Seleção da Copa: As jogadoras foram escolhidas a partir de 1999.

Prêmio Fair Play: Alemanha

Dados de público: Público total: 510 mil pessoas em 26 partidas

Média de público: 19.615

Público da final: 65 mil

Número de gols: Jogos: 26

Gols: 99

Média de Gols: 3,81 por partida

Número de cartões:

- 0 cartões vermelhos
- 1,2 cartões amarelos

Número de técnica: Gunilla Pajjkull (Suécia)

1995

Resumo: A seleção brasileira da copa de 1995 teve basicamente a mesma base que viajou para a China, em 1991. Entre as novidades, estavam pela primeira vez nomes que fizeram história na seleção feminina: Leda Maria, Michael Jackson, Kátia Cilene, Tânia Maranhão e Sissi, oficialmente a primeira camisa 10 da seleção. Essa edição marcou a primeira convocação da jogadora Formiga, que, aos 40 anos ainda atua em alto nível pelo PSG da França e pela seleção brasileira. A goleira Meg, a zagueira Elane, as meio-campistas Fanta, Pretinha, Cenira e Marcia Taffarel participaram da primeira edição da Copa do Mundo.

As seleções da Austrália, Canadá e Inglaterra estrearam na competição, sendo eliminadas também na primeira fase. A Copa do Mundo teria mais um atrativo para as seleções participantes: ela também garantiria vaga nos Jogos Olímpicos de 1996, em Atlanta (EUA).

Além disso, o sucesso apresentado em 1991 trouxe para os estádios um bom público, ficando com uma média de 4.316 espectadores por partida, um bom número se levar em conta

o tamanho dos estádios. Pela primeira vez a FIFA utilizou o sistema de “time-out” pedido durante a partida. A sueca Ingrid Johansson se tornou a primeira mulher a apitar uma final de Copa do Mundo Feminina.

País-sede: Suécia

Época do ano: 5 de junho a 18 de junho de 1995

Número de equipes: 12 seleções competiram

Representação dos continentes: 1 da África (Nigéria), 2 da Ásia (China e Japão), 1 do América do Sul (Brasil), 1 da Oceania (Austrália), 5 da Europa (Dinamarca, Inglaterra, Alemanha, Noruega e Suécia) e 2 da América do Norte (Estados Unidos e Canadá)

Campeãs: 1ª colocada: Noruega | 2ª colocada: Alemanha | 3ª colocada: Estados Unidos

Melhores jogadoras:

-**Bola de Ouro:** Hege Riise (Noruega)

-**Bola de Prata:** Gro Espeseth (Noruega)

-**Bola de Bronze:** Ann Kristin Aarones (Noruega)

Artilheira:

-**Chuteira de Ouro:** Ann Kristin Aarones (Noruega) - 6 gols

-**Chuteira de Prata:** Hege Riise (Noruega) - 5 gols

-**Chuteira de Bronze:** Shi Guihong (China) - 3 gols, 2 assistências

Melhor goleira: O prêmio “Luva de Ouro” foi instituído a partir de 2003.

Seleção da Copa: As jogadoras foram escolhidas a partir de 1999.

Prêmio Fair Play: Suécia

Dados de público: Público total: 112.213 em 26 partidas

Média de público: 4.316

Número de gols: Jogos - 26

Gols - 99

Média - 3,8 gols por partida

Número de cartões:

- 0,2 média de cartões vermelhos

-2,8 média de cartões amarelos

Número de técnicas: Sylvie Beliveau (Canadá)

1999

Resumo: Essa foi a Copa que marcou a história do futebol feminino. 320 jogadoras estavam inscritas na competição e todos os 32 jogos foram transmitidos pela televisão local. Os números foram muito expressivos: aproximadamente 40 milhões de telespectadores somente nos EUA. O maior público da história de um esporte feminino foi a final entre Estados Unidos e China, com 90.185 pessoas presentes, apenas 4 mil pessoas a menos do que na final masculina entre Brasil e Itália na Copa de 94. A decisão contou com a imagem histórica de Brandi Chastain tirando a camisa na comemoração do título e deslizando pela grama, cena muito polêmica na época.

Essa Copa teve a mais jovem jogadora a disputar a competição, a nigeriana Ifeanyi Chiejine, que disputou sua primeira partida com 16 anos e 34 dias. Após conquistar o título de 99, em 2000 foi criada a WUSA, Associação Oficial de Futebol Feminino dos EUA, a primeira a pagar as atletas como profissionais.

O Mundial foi marcante, também, para a Seleção Brasileira que terminou em terceiro lugar. Na primeira fase, o grupo do Brasil era formado por Alemanha, Itália e México e a seleção se classificou em primeiro lugar com sete pontos. Sob o comando do treinador Wilson Oliveira, a seleção brasileira era formada por: Maravilha, Nenê, Tânia Maranhão, Cidinha, Juliana Cabral, Maycon, Formiga, Kátia Cilene, Sissi, Suzana, Andreia, Fanta, Grazielle, Raque, Marisa, Pretinha, Priscila, Valéria e Deva.

País-sede: Estados Unidos

Época do ano: 19 de junho a 10 de julho de 1999 (verão)

Número de equipes: 16 equipes (67 países participaram das eliminatórias).

Representação dos continentes: 2 da África (Gana, Nigéria), 3 da Ásia (China, Japão, Coreia do Norte), 6 da Europa (Dinamarca, Alemanha, Itália, Noruega, Rússia, Suécia), 3 América do Norte, Central e Caribe (Estados Unidos, Canadá, México), 1 da América do Sul (Brasil) e 1 da Oceania (Austrália) *Afiliada da Confederação Asiática desde 2006.

Campeãs: 1ª colocada - Estados Unidos (segundo título) | 2ª colocada - China | 3ª colocada - Brasil

Melhores jogadoras:

-Bola de Ouro - Sun Wen (China)

-Bola de Prata - Sissi (Sisleide Lima de Amor) (Brasil)

-Bola de Bronze - Michelle Akers (Estados Unidos)

Artilheira:

-Chuteira de Ouro - Sissi (Brasil) e Sun Wen (China), ambas com 7 gols

-Chuteira de Bronze - Ann Kristin Aarones (Noruega), com 4 gols

Melhor goleira: Apenas a partir da edição de 2003

Seleção da Copa: Gao Hong (China), Briana Scurry (EUA), Doris Fitschen (Alemanha), Wang Liping (China), Wen Lirong (China), Brandi Chastain (EUA), Carla Overbeck (EUA), Bettina Wiegmann (Alemanha), Sissi (Brasil), Liu Ailing (China), Zhao Lihong (China), Michelle Akers (EUA), Jin Yan (China), Sun Wen (China), Mia Hamm (EUA) e Ann Kristin Aarønes (Noruega)

Prêmio Fair Play: China

Dados de público:

-Público total - 1.194.215 milhões em 32 partidas

-Média de público - 37.319 por partida

-Público da final - 90.185 espectadores

Número de gols: 123 gols (3,8 gols por jogo)

Número de cartões:

-2,4 média de cartões amarelos por jogo

-0,2 média de cartões vermelhos por jogo

Número de técnicas:

-Marika Domanski Lyfors (Suécia)

-Tina Theune (Alemanha)

2003

Resumo: A Copa do Mundo de 2003 seria realizada inicialmente na China, mas devido à forte epidemia de SARS (*Severe Acute Respiratory Syndrome* - Síndrome Respiratória Aguda Grave), a sede foi transferida para os Estados Unidos.

Na edição de 2003, a Alemanha igualou o recorde da seleção americana de 1991, marcando 25 gols. A mais jovem jogadora a marcar em uma Copa é a russa Elena Danilova, que marcou contra a Alemanha, em 2003, quando tinha 16 anos.

País-sede: Estados Unidos

Época do ano: 30 de setembro a 12 de outubro de 2003 (a partida de abertura aconteceu no Lincoln Financial Field, na Philadelphia e a final aconteceu no Home Depot Center, em Carson).

Número de equipes: 16 países (99 durante as eliminatórias). Os Estados Unidos se classificaram automaticamente por serem o país-sede.

Representação dos continentes: 4 da Europa (Noruega, Suécia, Alemanha e França), 4 da Ásia (Coreia do Norte, Coreia do Sul, China, e Japão), 2 da África (Nigéria e Gana), 2 da América do Sul (Brasil e Argentina), 2 da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), 1 da Eurásia (Rússia) e 1 da Oceania (Austrália).

Campeãs: 1ª colocada: Alemanha | **2ª colocada:** Suécia | **3ª colocada:** Estados Unidos

Melhores jogadoras:

-**Bola de Ouro:** Birgit Prinz (Alemanha)

-**Bola de Prata:** Victoria Svensson (Suécia)

-**Bola de Bronze:** Maren Meinert (Alemanha)

Artilheira:

-**Chuteira de Ouro:** Birgit Prinz (Alemanha) - 7 gols - 5 assistências

-**Chuteira de Prata:** Maren Meinert (Alemanha) - 4 gols - 7 assistências

-**Chuteira de Bronze:** Kátia (Brasil) - 4 gols

Melhor goleira: Silke Rottenberg (Alemanha)

Seleção da Copa: Silke Rottenberg (Alemanha), Sandra Minnert (Alemanha), Wang Liping (China), Joy Fawcett (EUA), Bettina Wiegmann (Alemanha), Shannon Boxx (EUA), Malin Moström (Suécia), Maren Meinert (Alemanha), Birgit Prinz (Alemanha), Charmaine Hooper (Canadá) e Victoria Svensson (Suécia)

Prêmio Fair Play: China

Dados de público:

Público total: 679.664 pessoas em 32 partidas

Média de público: 21.240

Público da final: 26.137

Número de gols: Jogos: 32

Gols: 107

Média de Gols: 3,3 por partida

Número de cartões (média):

- 0 média de expulsões
- 2 média de cartões amarelos

Número de técnica:

- França: Elisabeth Loisel
- Suécia: Marika Domanski Lyfors
- Estados Unidos: April Heinrichs

2007

Resumo: 32 seleções participaram de pelo menos uma edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino. Apenas a edição de 2007 não teve seleções estreantes. Essa edição foi a primeira a bonificar as equipes com prêmios em dinheiro, conforme as seleções se classificassem para a segunda fase. Esse Mundial foi muito importante para o Brasil. Foi em 2007 que a seleção feminina chegou mais perto de conquistar o tão sonhado título inédito, perdendo na final para a Alemanha.

Logo após a premiação, as jogadoras pediram em rede nacional para que os brasileiros apoiassem mais o futebol feminino. Marta foi eleita destaque do mundial, artilheira com 7 gols e melhor jogadora do mundo. Cristiane também se destacou na artilharia, com 5 gols marcados. A edição também ficou marcada pela goleada da Alemanha por 11 x 0 contra a Argentina - era a maior vitória em número de gols em uma partida na história. Esse recorde foi quebrado na Copa de 2019, na partida entre Estados Unidos e Tailândia, vencida por 13 x 0 pelas americanas.

País-sede: China

Época do ano: 10 a 30 de setembro de 2007

Número de equipes: 16 seleções

Representação dos continentes: 2 da África (Nigéria e Gana), 4 da Ásia (China, Austrália, Coreia do Norte e Japão), 5 da Europa (Noruega, Suécia, Dinamarca, Inglaterra e Alemanha), 2 da América do Norte (Estados Unidos e Canadá), 1 da Oceania (Nova Zelândia) e 2 da América do Sul (Brasil e Argentina)

Campeãs: 1ª colocada: Alemanha | 2ª colocada: Brasil | 3º colocada: Estados Unidos

Melhores jogadoras:

-Bola de Ouro: Marta (Brasil)

-Bola de Prata: Birgit Prinz (Alemanha)

-Bola de Bronze: Cristiane (Brasil)

Artilheira:

-Chuteira de Ouro: Marta (Brasil) - 7 gols

-Chuteira de Prata: Abby Wambach (Estados Unidos) - 6 gols, 1 assistência

-Chuteira de Bronze: Ragnhild Gulbrandsen (Noruega) - 6 gols

Melhor goleira: Nadine Angerer (Alemanha)

Seleção da Copa: Nadine Angerer (Alemanha), Bente Nordby (Noruega), Ariane Hingst (Alemanha), Kerstin Stegemann (Alemanha), Li Jie (China), Ane Stangeland Horpestad (Noruega), Renate Lingor (Alemanha), Daniela (Brasil), Formiga (Brasil), Kristine Lilly (EUA), Kelly Smith (Inglaterra), Ingvild Stensland (Noruega), Birgit Prinz (Alemanha), Lisa De Vanna (Austrália), Cristiane (Brasil) e Marta (Brasil)

Prêmio Fair Play: Noruega

Dados de público:

Público Total: 1.190.971 pessoas

Média: 37.218 pessoas

Número de gols:

Número de partidas: 26 jogos

Gols marcados: 111 gols marcados

Média: 3,47 gols por partida

Número de cartões:

-0,1 média de cartões vermelhos

-2,6 média de cartões amarelos

Número de técnicas: Hope Powell (Inglaterra)

Silvia Neid (Alemanha)

Marika Domanski Lyfors (China)

2011

Resumo: Essa foi a segunda edição da Copa decidida nos pênaltis. A primeira havia sido em 1999, com vitória dos EUA sobre a China e 2011 com o título do Japão sobre os EUA. O jogo de abertura entre Alemanha e Canadá contou com a presença de 73.680 torcedores no histórico estádio Olímpico de Berlim. O Japão se sagrou pela primeira vez campeão da Copa, sendo o primeiro país do futebol asiático a vencer um torneio desse tamanho.

O Brasil foi para a disputa sob o comando do treinador Kleiton Lima com Andréia, Maurine, Aline Pellegrino, Renata Costa, Rosana, Ester, Formiga, Beatriz, Marta, Cristiane, Bárbara, Érika, Fabiana, Francielle, Elaine, Daniele, Thais Guedes, Grazielle, Roseane e Thais Picarte.

País-sede: Alemanha

Época do ano: 26 de junho a 17 de julho

Número de equipes: 16 seleções

Representação dos continentes: 2 da África (Guiné Equatorial, Nigéria), 2 da Ásia (Japão, Coreia do Norte), 5 da Europa (Inglaterra, Alemanha, França, Noruega, Suécia), 2 da América do Sul (Brasil, Colômbia), 3 da América do Norte, Central e Caribe (Estados Unidos, Canadá e México), 2 da Oceania (Austrália, Nova Zelândia) *A Austrália é filiada à Confederação Asiática desde 2006.

Campeãs: 1ª colocada - Japão | 2ª colocada - Estados Unidos | 3ª colocada - Suécia

Melhores jogadoras:

-**Bola de Ouro** - Homare Sawa (Japão)

-**Bola de Prata** - Abby Wambach (EUA)

-**Bola de Bronze** - Hope Solo (EUA)

Artilheira:

-**Chuteira de Ouro** - Homare Sawa (Japão) (5 gols)

-**Chuteira de Prata** - Marta (Brasil) (4 gols)

-**Chuteira de Bronze** - Abby Wambach (EUA) (4 gols)

Melhor goleira: Hope Solo (EUA)

Seleção da Copa: Hope Solo (EUA) e Ayumi Kaihori (Japão), Saskia Bartusiak (Alemanha), Elise Kellond-Knight (Austrália), Erika (Brasil), Sonia Bompastor (França), Laura Georges

(França), Alex Scott (Inglaterra), Kerstin Garefrekes (Alemanha), Shannon Boxx (EUA), Lauren Cheney (EUA), Louisa Necib (França), Genoveva Añonma (Guiné Equatorial), Jill Scott (Inglaterra), Aya Miyama (Japão), Shinobu Ohno (Japão), Homare Sawa (Japão), Caroline Seger (Suécia), Marta (Brasil), Abby Wambach (EUA) e Lotta Schelin (Suécia)

Prêmio Fair Play: Japão

Dados de público:

- Público total - 845.711
- Média de público - 26.428 por jogo
- Público da final - 48.817

Número de gols:

- 86 gols marcados (em 32 jogos)
- Média de 2,7 gols por jogo

Número de cartões:

- Cartões amarelos: média de 2 por jogo
- Cartões vermelho: média de 0,1 por jogo

Número de técnica: Silvia Neid (Alemanha)

Carolina Morace (Canadá)

Pia Sundhage (Estados Unidos)

Hope Powell (Inglaterra)

2015

Resumo: A Copa do Mundo de 2015 ficou conhecida por quebrar recordes. Foi a primeira edição que contou com 24 times e os Estados Unidos se tornou a primeira seleção tricampeã. A edição tem o recorde de menos gols marcados pelo país anfitrião, o Canadá marcou 4 vezes e foi o único *hat-trick* registrado por uma jogadora em uma final da Copa do Mundo de Futebol Feminino feito por Carli Lloyd.

País-sede: Canadá

Época do ano: 6 de junho a 5 de de julho (a partida de abertura aconteceu Commonwealth Stadium, em Edmonton e a final aconteceu no BC Place Stadium, em Vancouver)

Número de equipes: 24 países (134 durante as eliminatórias). O Canadá se classificou automaticamente por ser o país-sede.

Representação dos continentes: 8 da Europa (Inglaterra, Noruega, Suécia, Suíça, Espanha, Alemanha, França e Holanda), 4 da Ásia (Coreia do Sul, Tailândia, China e Japão), 3 da África (Costa do Marfim, Nigéria e Camarões), 3 da América do Sul (Brasil, Colômbia e Equador), 1 da América Central (Costa Rica) 3 da América do Norte (México, Estados Unidos e Canadá) e 2 da Oceania (Austrália e Nova Zelândia).

Campeãs: Estados Unidos | Vice-Campeã: Japão | Terceiro lugar: Inglaterra

Melhores jogadoras:

- **Bola de Ouro:** Carli Lloyd (Estados Unidos)

-**Bola de Prata:** Amandine Henry (França)

-**Bola de Bronze:** Aya Miyama (Japão)

Artilheiras:

-**Chuteira de Ouro:** Celia Sasic (Alemanha) - 6 gols - 1 assistência

-**Chuteira de Prata:** Carli Lloyd (Estados Unidos) - 6 gols - 1 assistência

-**Chuteira de Bronze:** Anja Mittag (Alemanha) - 5 gols - 2 assistências

Melhor goleira: Hope Solo (Estados Unidos)

Seleção da Copa: Não encontrado

Prêmio Fair Play: França

Melhor jogadora mais nova: Kadeisha Buchanan (Canadá)

Dados de público:

Público total: 1.353.506 pessoas em 52 partidas

Média de público: 26.029

Público da final: 53.341

Número de gols:

Jogos: 52

Gols: 146

Média de Gols: 2,8 por partida

Média de cartões:

-0,1 expulsões por jogo

-2,2 cartões amarelos

Número de técnicas:

- Alemanha: Silvia Neid
- Suécia: Pia Sundhage
- Suíça: Martina Voss
- Costa Rica: Amelia Valverde
- Estados Unidos: Jill Ellis
- Equador: Vanessa Arauz

2019

Resumo: Assim como no Brasil e no Reino Unido, na França o futebol feminino também foi proibido por lei, durante quatro décadas. Na edição de 2019, a Fifa aumentou o valor da premiação para a seleção que vencesse a Copa do Mundo. A quantia de US\$ 2 milhões foi dobrada pela entidade, que vai pagar US\$ 4 milhões (cerca de R\$ 15,4 milhões) para a equipe campeã. O prêmio total da competição também foi ampliado e subiu de US\$ 15 milhões para US\$ 30 milhões (R\$ 115,8 milhões).

Com o avanço, a premiação para o Mundial feminino passou a representar 7,5% daquilo que é pago na Copa do Mundo masculina. Na Copa da Rússia, em 2018, a campeã França levou para casa US\$ 38 milhões após o título. O recurso total para a competição foi de US\$ 400 milhões, cerca de R\$ 1,54 bilhão. O mascote oficial da edição foi: "Ettie", uma jovem galinha com paixão pela vida e pelo futebol. Ela vem de uma longa linhagem de mascotes de penas e é filha do Footix, mascote oficial da Copa do Mundo de 1998, na França.

O Brasil é uma das quatro seleções que mais passou da fase classificatória. Foram oito classificações para disputar o torneio. Com a disputa da copa de 2019, a jogadora Formiga se tornou a primeira atleta de futebol, entre homens e mulheres, a disputar 7 copas do mundo. O gol de Cristiane, o segundo na derrota do Brasil para a Austrália, foi eleito o mais bonito da

copa. Além disso, Cristiane foi a artilheira da seleção na competição, com quatro gols marcados. Já a jogadora Marta se tornou a maior artilheira da história das copas, entre homens e mulheres. Com os 17 gols marcados na competição, a brasileira superou o alemão Miroslav Klose, que havia marcado 16.

Pela primeira vez os jogos da seleção brasileira foram transmitidos na TV aberta, pela Rede Globo e pela Bandeirantes. A Band ainda exibiu alguns jogos de outras seleções.

A estreia da Seleção Brasileira Feminina contou com 20 milhões de espectadores (maior audiência da história dos mundiais femininos no mundo todo). A Globo registrou 32 pontos de audiência na última partida da seleção brasileira contra a França. 11 pontos acima da média dos quatro domingos anteriores na cidade de São Paulo. Já no Rio de Janeiro chegou a 30 pontos, 6 acima da média. Foram as maiores audiências registradas durante o Mundial. Estados Unidos e Inglaterra também bateram recorde de audiência do ano no Reino Unido. O pico foi de 11,7 milhões de espectadores na BBC. A partida superou os números da final da Liga dos Campeões entre Liverpool e Tottenham.

Essa edição teve uma forte divulgação nos veículos de comunicação. Além de um destaque maior na competição, se tornou a edição mais vista da história, quebrando recordes de audiência pelo mundo. Em alguns países, superou até mesmo os jogos das seleções masculinas de futebol. No Brasil, o jogo de estreia da seleção nacional contra a Jamaica, aumentou em 90% a média das manhãs de domingo da Rede Globo.

País-sede: França

Época do ano: 7 de junho a 7 de julho

Número de equipes: 24 seleções

Representação dos continentes: 9 da Europa (Alemanha, Escócia, Espanha, França, Inglaterra, Itália, Noruega, Países Baixos, Suécia), 4 da Ásia (Austrália, China, Coreia do Sul, Japão e Tailândia), 3 da África (África do Sul, Camarões e Nigéria), 3 da América do Norte (Estados Unidos, Canadá e Jamaica), 3 da América do Sul (Argentina, Brasil e Chile) e 1 da Oceania (Nova Zelândia)

Campeãs: 1ª colocada: Estados Unidos | 2ª colocada: Holanda | 3ª colocada: Suécia

Melhores jogadoras:

-**Bola de ouro:** Megan Rapinoe (Estados Unidos)

-**Bola de prata:** Lucy Bronze (Inglaterra)

-**Bola de bronze:** Rose Lavelle (Estados Unidos)

Artilheira:

-**Chuteira de ouro:** Megan Rapinoe (Estados Unidos) - 6 gols

-**Chuteira de prata:** Alex Morgan (Estados Unidos) - 6 gols

-**Chuteira de bronze:** Ellen White (Inglaterra) - 6 gols

Melhor goleira: Sari Van Veenendaal (Holanda)

Melhor jogadora jovem: Giulia Gwinn (Alemanha)

Gol mais bonito: Cristiane (Brasil) gol na derrota por 3 a 2 contra a Austrália, marcado aos 38 minutos do primeiro tempo

Seleção da Copa: Estados Unidos

Prêmio Fair Play: França

Dados de público:

Ingressos vendidos: 1.131.312

Média: 21.756 pessoas por partida

Público recorde: final entre Estados Unidos e Holanda: 57.900 torcedores

Número de gols:

Número de gols marcados: 146 gols

Número de partidas: 52 jogos

Média de 2,8 gols marcados por partida.

Número de cartões: 124 cartões amarelos e 4 vermelhos

Número de técnicas: Corinne Diacre - França

Jill Ellis - Estados Unidos

Sarina Wiegman - Holanda

Asako Takakura - Japão

Martina Voss-Tecklenburg - Alemanha

Desiree Ellis - África do Sul

Milena Bertolini - Itália

Shelley Kerr - Escócia

Nuengrutai Srathongvian - Tailândia

Anexo II - Roteiro dos episódios

O CAMPO É DELAS - EPISÓDIO 1 - DA PROIBIÇÃO À VIDA NOS CAMPOS

TÉCNICA	TEXTO
ARIANE NEVES Trilha “Que bonito é” ao fundo	OLÁ! SEJA MUITO BEM VINDA E BEM VINDO AO PODCAST “O CAMPO É DELAS” // EU ME CHAMO ARIANE NEVES//
ADRIENNE PEDROSA Trilha “Que bonito é” ao fundo	E EU ME CHAMO ADRIENNE PEDROSA//
ARIANE NEVES Trilha “Que bonito é” ao fundo	AQUI VAMOS CONTAR PARTE DA HISTÓRIA DAS PIONEIRAS DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO//
ADRIENNE PEDROSA Trilha “Que bonito é” ao fundo	NÓS VAMOS APRESENTAR ALGUNS ACONTECIMENTOS MARCANTES/ NARRAR OS PRECONCEITOS SOFRIDOS POR NOSSAS JOGADORAS/ ALÉM DE DIVULGAR AS HISTÓRIAS DE PERSISTÊNCIA E SUCESSO DESSAS MULHERES.//
EFEITO DE TRANSIÇÃO	SOM DE APITO
ARIANE NEVES Trilha tensão	COPA DO MUNDO/ AO OUVIR ESSAS PALAVRAS/ QUAIS LEMBRANÇAS VÊM À SUA MENTE?//
EFEITO SONORO	NARRAÇÃO SILVIO LUIZ “FOI ELE”
ADRIENNE PEDROSA Trilha tensão	PENSOU NA SELEÇÃO FEMININA DE FUTEBOL? FALA A VERDADE! FICA AÍ A GRANDE QUESTÃO: POR QUE QUASE NÃO TEMOS

	MEMÓRIAS MARCANTES DE MUNDIAIS DISPUTADOS POR MULHERES?//
ARIANE NEVES Trilha tensão	A RESPOSTA PARA ISSO PODE SER BASEADA EM VÁRIOS PONTOS/ COMO A POUCA COBERTURA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO/ O PRECONCEITO COM A MODALIDADE/ A FALTA DE PATROCÍNIO E VISIBILIDADE/ O MACHISMO NO AMBIENTE FUTEBOLÍSTICO E/ PRINCIPALMENTE/ UM APAGAMENTO HISTÓRICO //
ADRIENNE Trilha tensão	A COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO NA FRANÇA/ EM DOIS MIL E DEZENOVE/ MOSTROU A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL FEMININO E MUITAS PESSOAS PUDERAM ACOMPANHAR JOGOS EXTRAORDINÁRIOS//
ARIANE Trilha tensão	AS MAIORES JOGADORAS DO PLANETA ENTRARAM EM CAMPO PARA UM MUNDIAL MARCANTE/ TANTO DENTRO QUANTO FORA DAS QUATRO LINHAS// MAS PARA CHEGAR NESSE PONTO/ FOI NECESSÁRIO PERCORRER UM LONGO E ÁRDUO CAMINHO// UMA HISTÓRIA AINDA POUCO CONHECIDA NO UNIVERSO DO FUTEBOL//
ADRIENNE Trilha tensão	AGORA QUEREMOS SABER/ VOCÊ SABE QUANTAS EDIÇÕES DA COPA DO MUNDO FEMININA JÁ ACONTECERAM? QUANDO FOI

	<p>O PRIMEIRO MUNDIAL? SABE SE O BRASIL JÁ CONQUISTOU ALGUM TÍTULO? QUAIS FORAM AS PIONEIRAS? QUEM FEZ HISTÓRIA PELA SELEÇÃO ANTES DA GERAÇÃO DE MARTA E CRISTIANE? //</p>
<p>ARIANE Trilha tensão</p>	<p>ESSAS PERGUNTAS SÃO FUNDAMENTAIS PARA CONHECER UMA HISTÓRIA QUE AINDA VIVE NA MEMÓRIA DE ALGUMAS JOGADORAS BRASILEIRAS//</p>
<p>EFEITO SONORO</p>	<p>SOM DE RETORNO</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA Trilha dramática</p>	<p>BOM/ ANTES DE FALAR ESPECIFICAMENTE SOBRE AS COPAS DO MUNDO - QUE DEMORARAM MUITO PARA ACONTECER - É PRECISO SABER QUAL ERA O CENÁRIO VIVIDO PELAS MULHERES BRASILEIRAS ANTES DO INÍCIO OFICIAL DA MODALIDADE. //</p>
<p>ARIANE NEVES Trilha dramática</p>	<p>NÃO SE SABE COM EXATIDÃO O COMEÇO DA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO NO PAÍS// NO ENTANTO/ OS PRIMEIROS RELATOS APONTAM PARA PARTIDAS DISPUTADAS NO INÍCIO DO SÉCULO VINTE/ EM SÃO PAULO/ NO RIO DE JANEIRO E NO RIO GRANDE DO NORTE.//</p>

<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>ESSAS PRIMEIRAS APARIÇÕES NÃO ERAM CONSIDERADAS UM ESPORTE// O FUTEBOL JOGADO POR MULHERES ERA UMA ATRAÇÃO DE CIRCO// ISSO MESMO: ERA UMA PERFORMANCE/ NÃO UMA PARTIDA.//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>O CIRCO NERINO/ CRIADO EM MIL NOVECENTOS E TREZE EM CURITIBA/ É UM EXEMPLO // ELE CONTAVA COM DUAS IRMÃS ATRIZES QUE PARTICIPAVAM DE UM NÚMERO CHAMADO “FUTEBOL FEMININO”.//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>A ATRAÇÃO SE ESPALHOU E COMEÇOU A APARECER FORTEMENTE ENTRE MIL NOVECENTOS E TRINTA E MIL NOVECENTOS E QUARENTA/ PARA ENTRETENIMENTO DO PÚBLICO E TAMBÉM PELA EXPOSIÇÃO DOS CORPOS FEMININOS// EM SUAS EXIBIÇÕES/ AS ARTISTAS DO CIRCO VESTIAM CAMISAS DE CLUBES LOCAIS PARA ATRAIR O PÚBLICO.//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>NO ACERVO DO MUSEU DO FUTEBOL/ LOCALIZADO NO ESTÁDIO DO PACAEMBU/ EM SÃO PAULO/ É POSSÍVEL CONFERIR UM PANFLETO DE DIVULGAÇÃO DO CIRCO IRMÃOS QUEIROLO/ PUBLICADO NO JORNAL CORREIO DO PARANÁ.//</p>

<p>NARRADOR MAYRON BRITO</p> <p>Efeito sonoro que remete ao circo Efeito de alto falante</p>	<p>VENHAM CONFERIR A GRANDE ATRAÇÃO DO CIRCO IRMÃOS QUEIROLO! UMA PARTIDA DE FUTEBOL ENTRE MULHERES! NÃO PERCAM! //</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>O PANFLETO ANUNCIAVA UM TORNEIO QUE SERIA DISPUTADO POR ATRIZES DO CIRCO REPRESENTANDO ATLÉTICO PARANAENSE E CURITIBA. //</p> <p>JÁ IMAGINOU UM ESPORTE SER CONSIDERADO ATRAÇÃO DE CIRCO? //</p>
<p>EFEITO DE TRANSIÇÃO</p>	<p>RELÓGIO TIQUE-TAQUE</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha “Que bonito é”</p>	<p>SAINDO DO PICADEIRO E INDO PARA OS CAMPOS/ EM MIL NOVECENTOS E QUARENTA/ A PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO COMEÇA A GANHAR UMA TÍMIDA ADESÃO DAS PERIFERIAS/ PRINCIPALMENTE NO RIO DE JANEIRO/ COM CERCA DE DEZ TIMES COM JOGADORAS AMADORAS.//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha “Que bonito é”</p>	<p>ESSAS EQUIPES DO SUBÚRBIO CARIOCA JOGAVAM EM CAMPOS PELA CIDADE E ATÉ EM OUTROS ESTADOS// UMA DAS PARTIDAS MAIS MARCANTES FOI REALIZADA SEMANAS APÓS A INAUGURAÇÃO DO PACAEMBU/ EM DEZESSETE DE MAIO DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA. //</p>

<p>ARIANE NEVES</p> <p>“Trilha que bonito é”</p>	<p>O BRASILEIRO FUTEBOL CLUBE VENCEU O CASINO REALENGO POR DOIS A ZERO NO JOGO QUE ANTECEDEU O DUELO ENTRE FLAMENGO E SÃO PAULO/ NO FUTEBOL MASCULINO. //</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>ESSA VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO GEROU REVOLTA EM GRANDE PARTE DA SOCIEDADE/ QUE NÃO CONSIDERAVA ADEQUADO QUE AS MULHERES PARTICIPASSEM DE UM JOGO CONSIDERADO TÃO VIOLENTO. //</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>AS CRÍTICAS COMEÇARAM A SURGIR / E ERA COMUM JORNAIS DA ÉPOCA SE POSICIONAREM CONTRA A PRESENÇA DE MULHERES NOS CAMPOS.//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>EM JUNHO DE MIL NOVECIENTOS E QUARENTA/ O JORNAL O DIA ESTAMPA “O FUTEBOL É IMPRÓPRIO PARA MOÇAS”// EM JANEIRO DE MIL NOVECIENTOS E QUARENTA E UM/ O JORNAL O IMPARCIAL TRAZ UMA MANCHETE COM OS SEGUINTE DIZERES://</p>
<p>NARRADOR MAYRON</p> <p>Efeito som de teclado</p>	<p>“PÉ DE MULHER NÃO FOI FEITO PARA SE METER EM CHUTEIRAS”//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>NO MESMO MÊS/ O DIÁRIO DE NOTÍCIAS TRAZ UMA MATÉRIA DECLARANDO QUE “O FUTEBOL FEMININO/ COMO ESPORTE/ É DESACONSELHÁVEL”. //</p>

<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>NO ENTANTO/ UMA DESSAS PUBLICAÇÕES GEROU REPERCUSSÃO // UMA CARTA EM NOME DE JOSÉ FUZEIRA/ PUBLICADA NO DIÁRIO DA NOITE/ EM SETE DE MAIO DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA/ FOI ENDEREÇADA AO PRESIDENTE DA ÉPOCA/ GETÚLIO VARGAS.//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>NA LONGA CARTA/ O SENHOR FUZEIRA TRAZ ARGUMENTOS CONTRA A PARTICIPAÇÃO FEMININA E PEDE PARA QUE O PRESIDENTE IMPEÇA//</p>
<p>NARRADOR (MAYRON)</p> <p>Efeito som de teclado</p>	<p>“UMA CALAMIDADE QUE ESTÁ PRESTES A DESABAR EM CIMA DA JUVENTUDE FEMININA DO BRASIL”//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>A CARTA AINDA TRAZ OS SEGUINTE TRECHOS//</p>
<p>NARRADOR (MAYRON)</p> <p>Efeito som de teclado</p>	<p>A CONSTITUIÇÃO ORGÂNICA DA MULHER/ IMPÕE-LHE O ATENTO CUIDADO DE PRECAVER CERTOS ÓRGÃOS CONTRA TODA A CONTUNDÊNCIA TRAUMÁTICA//</p> <p>DENTRO DE UM ANO/ É PROVÁVEL QUE EM TODO O BRASIL ESTEJAM ORGANIZADOS UNS DUZENTOS CLUBES FEMININOS DE FUTEBOL/ OU SEJA/ DUZENTOS NÚCLEOS DESTROÇADORES DA SAÚDE DE DUAS MIL E DUZENTAS FUTURAS MÃES //</p>

	<p>QUE VOSSA EXCELÊNCIA/ SENHOR PRESIDENTE/ ACUDA E SALVE ESSAS FUTURAS MÃES DO RISCO DE DESTRUÍREM A SUA PRECIOSA SAÚDE/ E AINDA A SAÚDE DOS FUTUROS FILHOS DELAS... E DO BRASIL// ESTE É O APELO QUE VEM DIRIGIR-LHE O SIGNATÁRIO//</p>
<p>ARIANE NEVES Trilha dramática</p>	<p>AINDA NA CARTA/ EXISTEM TRECHOS QUE TENTAM JUSTIFICAR A PROIBIÇÃO DIZENDO QUE O CORPO DA MULHER É FRÁGIL/ NECESSITADO DE CUIDADOS E ATENÇÃO/ E QUE AS MULHERES TÊM UM DESTINO BIOLÓGICO: SE PREPARAR PARA CUMPRIR SEU PAPEL DE MÃE E CUIDADORA DO LAR. //</p>
<p>EFEITO DE TRANSIÇÃO</p>	<p>SOM QUE REMETE A DECEPÇÃO</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA Trilha animada</p>	<p>NO ENTANTO/ A HISTÓRIA SEMPRE FOI FEITA POR MULHERES CORAJOSAS // E TRÊS DIAS APÓS ESSA PUBLICAÇÃO/ A JOGADORA MARGARIDA ADYRAGRAM PEREIRA/ ZAGUEIRA DO TIME DE FUTEBOL FEMININO DO BRASILEIRO FUTEBOL CLUBE/ DEU UMA RESPOSTA À ALTURA E ENFRENTOU O PRECONCEITO DO SENHOR FUZEIRA.//</p>

<p>ARIANE</p> <p>Trilha animada</p>	<p>NA RÉPLICA PUBLICADA NO JORNAL DOS ESPORTES/ A JOGADORA É FIRME E IRÔNICA COM AS COLOCAÇÕES DE FUZEIRA://</p>
<p>NARRADORA EVELIN RAMOS</p> <p>Efeito som de teclado</p>	<p>VERIFIQUEI DESDE LOGO QUE ESSE CAVALHEIRO É DESCONHECIDO NO ESPORTE, FALTANDO-LHE/ PORTANTO/ AUTORIDADE PARA DISCUTIR O ASSUNTO.//</p> <p>O SENHOR JOSÉ FUZEIRA DEVERIA ASSISTIR À PRÁTICA DE FUTEBOL FEMININO/ PARA VERIFICAR QUÃO SALUTAR É ESSE ESPORTE E OS BENEFÍCIOS QUE O MESMO PRESTA À SUAS PRATICANTES.//</p> <p>O SENHOR FUZEIRA QUALQUER DIA ACHARÁ QUE A NATAÇÃO É PREJUDICIAL AO SEXO FEMININO/ PORQUE A ÁGUA PODERÁ GRIPAR AS CONCORRENTES E AS ROUPAS CURTAS E COLANTES ESTÃO EM DESACORDO COM O SEU MODO DE PENSAR SOBRE AS FUTURAS MÃES //</p> <p>O SENHOR FUZEIRA FICA CONVIDADO A ASSISTIR AO PRIMEIRO ENCONTRO DE FUTEBOL FEMININO E APONTAR/ PUBLICAMENTE/ QUAIS AS DESVANTAGENS DE SUA</p>

	PRÁTICA NOS MOLDES EM QUE VEM SENDO EMPREGADO ENTRE AS JOVENS BRASILEIRAS. //
ADRIENNE Trilha dramática	MAS MESMO COM A PERSISTÊNCIA E O DESEJO DAS MULHERES EM JOGAR FUTEBOL/ APENAS ALGUNS MESES DEPOIS/ EM ABRIL DE MIL NOVECENTOS E QUARENTA E UM/ O CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS/ PUBLICAVA O DECRETO-LEI TRÊS MIL CENTO E NOVENTA E NOVE//
NARRADOR MAYRON	“ÀS MULHERES NÃO SE PERMITIRÁ A PRÁTICA DE DESPORTOS INCOMPATÍVEIS COM AS CONDIÇÕES DE SUA NATUREZA”..//
ARIANE NEVES Trilha dramática	APESAR DE NÃO SER CITADO NOMINALMENTE/ NA PRÁTICA/ O FUTEBOL ERA UMA DAS ATIVIDADES PROIBIDAS POR ESTE DECRETO// A NORMA CRIADA NA ERA VARGAS FICARIA VIGENTE ATÉ MIL NOVECENTOS E SETENTA E NOVE/ OU SEJA/ QUASE QUARENTA ANOS. //
ADRIENNE PEDROSA Trilha dramática	COM A PROIBIÇÃO/ O FUTEBOL FEMININO PASSOU A SER PRATICADO DE MODO

	CLANDESTINO// APESAR DISSO/ ALGUNS JOGOS OCORRIAM COM A JUSTIFICATIVA DE SEREM EVENTOS BENEFICENTES.//
ARIANE Trilha dramática	ESSE É O CASO DA PARTIDA OCORRIDA EM MIL NOVECENTOS E CINQUENTA E NOVE/ TAMBÉM NO PACAEMBU// NESSA OCASIÃO / ATRIZES PAULISTAS E CARIOCAS/ CONHECIDAS COMO VEDETES/ REALIZARAM UM AMISTOSO/ ALEGANDO SER BENEFICENTE.
ADRIENNE Trilha dramática	EM MIL NOVECENTOS E SESSENTA E CINCO/ JÁ NA ÉPOCA DA DITADURA MILITAR/ OUTRO DECRETO FOI PUBLICADO/ DESTA VEZ SENDO MAIS ESPECÍFICO EM RELAÇÃO AOS ESPORTES PROIBIDOS PARA MULHERES.//
NARRADOR MAYRON BRITO Trilha dramática	“NÃO É PERMITIDA A PRÁTICA DE LUTAS DE QUALQUER NATUREZA/ FUTEBOL/ FUTEBOL DE SALÃO/ FUTEBOL DE PRAIA/ PÓLO/ HALTEROFILISMO E BASEBALL.”//
ARIANE Trilha dramática	APESAR DISSO/ EQUIPES CONTINUARAM SENDO FORMADAS ILEGALMENTE// FOI NESSA ÉPOCA/ INCLUSIVE/ QUE A MINEIRA LEA CAMPOS/ BATALHOU PARA CONSEGUIR SEU DIPLOMA DE PRIMEIRA

	ÁRBITRA DE FUTEBOL DO BRASIL E DO MUNDO //
ADRIENNE Trilha dramática	A JUÍZA FOI DETIDA VÁRIAS VEZES E ENCAMINHADA PARA DAR EXPLICAÇÕES AO DEPARTAMENTO DE ORDEM POLÍTICA E SOCIAL/ O DOPS//
ARIANE NEVES Trilha dramática	FOI SÓ EM MIL NOVECENTOS E SETENTA E NOVE/ QUE A LEI QUE PROIBIA AS MULHERES DE JOGAR FUTEBOL FOI REVOGADA// MAS ISSO NÃO MUDOU A SITUAÇÃO VIVIDA PELAS EQUIPES/ QUE ALÉM DE ENFRENTAREM O PRECONCEITO/ ENFRENTARAM TAMBÉM A FALTA DE APOIO FINANCEIRO. //
ADRIENNE PEDROSA Trilha dramática	VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR O QUANTO ESSES ACONTECIMENTOS ATRASARAM O DESENVOLVIMENTO DA MODALIDADE? ALÉM DISSO/ ESSES FATOS MANTIVERAM AS JOGADORAS EM CONDIÇÕES PRECÁRIAS DE TRABALHO POR MUITOS ANOS//
ARIANE NEVES Trilha dramática	PARA SE TER UMA IDEIA/ EM MIL NOVECENTOS E SETENTA/ NOVE ANOS ANTES DA PROIBIÇÃO AO FUTEBOL FEMININO SER REVOGADA/ A SELEÇÃO BRASILEIRA MASCULINA JÁ ESTAVA CONQUISTANDO O SEU TRICAMPEONATO MUNDIAL.//

<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>NO INÍCIO DOS ANOS SETENTA/ PAÍSES COMO ALEMANHA E INGLATERRA JÁ TINHAM RETIRADO A PROIBIÇÃO// E A PARTIR DE MIL NOVECENTOS E SETENTA E CINCO COMEÇAVAM A SURGIR COMPETIÇÕES FEMININAS PELO MUNDO// ESTE FOI O CASO DO CAMPEONATO ASIÁTICO/ JÁ EM MIL NOVECENTOS E OITENTA E QUATRO FOI A VEZ DO CAMPEONATO EUROPEU//</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>OS ANOS OITENTA SIGNIFICARAM UMA VIRADA IMPORTANTE NO FUTEBOL BRASILEIRO// MAS APESAR DE SER CONHECIDO COMO O PAÍS DO FUTEBOL/ O BRASIL FOI UM DOS ÚLTIMOS A REGULAMENTAR ESSE ESPORTE PARA MULHERES //</p>
<p>ARIANE</p> <p>Silêncio</p>	<p>PAÍS DO FUTEBOL PRA QUEM NÃO É MESMO?</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>POR AQUI// A VOLTA DAS MULHERES AO FUTEBOL GANHOU FORÇA EM MIL NOVECENTOS E OITENTA E UM/ QUANDO A MODALIDADE TOMOU NOVOS RUMOS COM A FUNDAÇÃO DO ESPORTE CLUBE RADAR.// A INSTITUIÇÃO SURTIU NO RIO DE JANEIRO/ COM TIME COMPOSTO UNICAMENTE POR MULHERES.//</p>

<p>ARIANE</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>O INÍCIO DE TUDO SE DEU NAS AREIAS DE COPACABANA/ ONDE ACONTECERAM AS PENEIRAS// O CLUBE TEVE / INCLUSIVE / UMA BREVE HISTÓRIA PELO FUTEBOL DE AREIA.//</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>EM MIL NOVECIENTOS E OITENTA E DOIS INICIARAM OS JOGOS NO CAMPO E O TIME VIROU REFERÊNCIA FUNDAMENTAL PARA O FUTEBOL FEMININO SE DESENVOLVER NO PAÍS//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>O RADAR AJUDOU COM O INÍCIO DA VISIBILIDADE DO FUTEBOL FEMININO/ INFLUENCIANDO ATÉ MESMO NA REGULAMENTAÇÃO DA MODALIDADE/ QUE ACONTECEU EM MIL NOVECIENTOS E OITENTA E TRÊS// ISSO PERMITIU O INÍCIO DAS COMPETIÇÕES/ A CRIAÇÃO DE CALENDÁRIOS E USO DOS MESMOS ESTÁDIOS QUE ANTES ERAM DESTINADOS PARA A MODALIDADE MASCULINA//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>O RADAR SE DESTACOU NAS COMPETIÇÕES ORGANIZADAS PELA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO/ E PELA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL/ A CBF.//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Efeito som de torcida aplaudindo</p>	<p>AS JOGADORAS SE CONSAGRARAM HEXACAMPEãs CARIOCAS E HEXACAMPEãs</p>

	CONSECUTIVAS DA TAÇA BRASIL/ HOJE RECONHECIDA COMO CAMPEONATO BRASILEIRO//
ADRIENNE Trilha brasileirinho	COM O DESTAQUE NACIONAL/ O TIME FOI CONVIDADO A PARTICIPAR DE COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS/ ALCANÇANDO DESTAQUE EM MIL NOVECENTOS E OITENTA E OITO/ QUANDO A FIFA REALIZOU UM TORNEIO EXPERIMENTAL NA CHINA/ QUE FICOU CONHECIDO COMO MUNDIALITO.//
ARIANE NEVES Efeito som de torcida aplaudindo	A SELEÇÃO BRASILEIRA ALCANÇOU O TERCEIRO LUGAR DA COMPETIÇÃO / TENDO COMO BASE O TIME DO RADAR E ALGUMAS ATLETAS DO JUVENTUS/ CLUBE DE SÃO PAULO// VOCÊ CONSEGUE IMAGINAR DE ONDE VEIO ESSE SUCESSO?//
ADRIENNE PEDROSA Trilha brasileirinho	NÃO HÁ OUTRA RESPOSTA QUE NÃO SEJA A PERSISTÊNCIA E FORÇA DE QUEM ENFRENTOU OS PRECONCEITOS E DIFICULDADES DA ÉPOCA PARA ABRIR CAMINHO PARA AS GERAÇÕES ATUAIS DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL. //
ARIANE NEVES Trilha brasileirinho	O RADAR ENCERROU AS ATIVIDADES DO TIME FEMININO EM MIL NOVECENTOS E NOVENTA/ DEVIDO A FALTA DE

	APOIO FINANCEIRO E MUDIÁTICO/ E DA DIFICULDADE PARA REMUNERAR AS JOGADORAS//
ADRIENNE Trilha brasileirinho	ENTRETANTO/ O RADAR SEGUE MARCADO COMO UM DOS CLUBES MAIS IMPORTANTES DA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO//
ARIANE Trilha brasileirinho	AGORA/ FINALMENTE/ ESTAMOS QUASE CHEGANDO NA PRIMEIRA COPA DO MUNDO// ISSO VAI SER NO PRÓXIMO EPISÓDIO/ MAS ANTES/ TEMOS QUE CONTAR COMO FOI A PREPARAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO DE NOSSAS ATLETAS NO MUNDIALITO DA CHINA //
ADRIENNE Trilha música instrumental chinesa	COMO COMENTAMOS AGORA A POUCO/ ESSA COMPETIÇÃO FOI REALIZADA EM MIL NOVECIENTOS E OITENTA E OITO PARA TESTAR A VIABILIDADE DE UMA COMPETIÇÃO GLOBAL FEMININA/ NESTE CASO/ A COPA DO MUNDO//
NARRADORA EVELIN RAMOS Trilha música instrumental chinesa	COM SEDE NA CHINA/ O TORNEIO REUNIU DOZE EQUIPES CONVIDADAS PELA FIFA: NO GRUPO “A” ESTAVAM: CHINA/ CANADÁ/ HOLANDA E COSTA DO MARFIM// NO GRUPO “B”: BRASIL/ NORUEGA/ AUSTRÁLIA E TAILÂNDIA E NO GRUPO C/ SUÉCIA/ ESTADOS UNIDOS/ TCHECOSLOVÁQUIA E JAPÃO//

	<p>NAQUELE MOMENTO/ AS PIONEIRAS NA FORMAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA JOGAVAM EM DOIS CLUBES NO BRASIL: RADAR E JUVENTUS (SP)//</p>
<p>ARIANE Trilha dramática</p>	<p>APESAR DE SER UM TORNEIO GLOBAL/ AS CONDIÇÕES OFERECIDAS E O APOIO DA CBF NÃO ERAM LÁ ESSAS COISAS....// DOIS FATOS CURIOSOS/ E PODEMOS DIZER ATÉ MESMO ABSURDOS/ CHAMAM A NOSSA ATENÇÃO: A FALTA DE UNIFORMES E MATERIAL DE TREINO PARA A SELEÇÃO FEMININA.//</p>
<p>ADRIENNE Trilha dramática</p>	<p>APÓS A CONVOCAÇÃO/ AS JOGADORAS FORAM LEVADAS PARA A GRANJA COMARY/ LOCAL DE CONCENTRAÇÃO DAS SELEÇÕES/ PORÉM/ OS TREINOS ACONTECIAM NUM ESPAÇO “ALTERNATIVO”// A SELEÇÃO FEMININA SE PREPARAVA NO CEFAN - CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ALMIRANTE ADALBERTO NUNES, DO EXÉRCITO// ERA UM CAMPO DIFERENTE DO UTILIZADO PELA EQUIPE MASCULINA E O MATERIAL PERTENCIA AOS HOMENS//</p>
<p>ARIANE Trilha dramática</p>	<p>OS UNIFORMES/ AS CAMISAS/ OS SHORTS E OS AGASALHOS ERAM ENORMES// E DURANTE OS</p>

	TREINAMENTOS/ AS ATIVIDADES ERAM REALIZADAS EM HORÁRIOS DE ACORDO COM A ROTINA QUE AS JOGADORAS TERIAM NA CHINA: ALMOÇO ÀS DEZESSETE HORAS/ JANTAR À MEIA NOITE E REPOUSO ÀS QUATRO HORAS DA MANHÃ//
ADRIENNE PEDROSA Trilha dramática	EM UM MOMENTO EM QUE O FUTEBOL NÃO PROVIA SUSTENTO PARA AS ATLETAS/ MUITAS DELAS CONCILIAVAM UM EMPREGO COM A CARREIRA NOS GRAMADOS E POR ISSO TINHAM QUE ESCOLHER ENTRE JOGAR E TRABALHAR.//
ARIANE Trilha dramática	MARCIA TAFFAREL/ JOGADORA DA PRIMEIRA GERAÇÃO/ RELATA AS ESCOLHAS QUE FEZ DURANTE O INÍCIO DA CARREIRA NA SELEÇÃO BRASILEIRA//
SONORA MÁRCIA TAFFAREL Trilha dramática	<p><i>“EU PASSEI A VIVER DO FUTEBOL SÓ NO FINAL DA DÉCADA DE NOVENTA, QUANDO TEVE A PAULISTANA DE NOVENTA E SETE//</i></p> <p><i>A GENTE RETORNOU DA OLIMPÍADA DE NOVENTA E SEIS E AÍ EM NOVENTA E SETE TEVE A PRIMEIRA PAULISTANA QUE A BANDEIRANTES TRANSMITIU/ QUE TINHA O CORINTHIANS E AÍ EU PASSEI A JOGAR PROFISSIONALMENTE PORQUE</i></p>

O CORINTHIANS ME
CONTRATOU//

QUANDO EU COMECEI NO
FUTEBOL/ AOS TREZE ANOS/ EU
TINHA UM TRABALHO// EU
TRABALHAVA EM UMA EMPRESA
DE CINTOS E CARTEIRAS
CHAMADA FASOLO/ ERA UMA
EMPRESA DE COURO DA CIDADE
DE BENTO GONÇALVES/
ESTUDAVA A NOITE E TREINAVA
NOS FINAIS DE SEMANA E ÀS
VEZES FALTAVA NA ESCOLA
PARA TREINAR/ SE TIVESSE
ALGUM CAMPEONATO// FIZ ISSO
DURANTE MUITOS ANOS ATÉ
MUDAR PRA CAMPINAS/ EM MIL
NOVECENTOS E OITENTA E
SETE/

QUANDO EU CHEGUEI EM
CAMPINAS, QUE EU SAÍ DO RIO
GRANDE DO SUL E ME
TRANSFERI PARA CAMPINAS/
LOGO EM SEGUIDA ARRUMEI
EMPREGO// EU COMECEI A
TRABALHAR NA FUNDAÇÃO
BRADESCO//

EU TRABALHAVA DAS ONZE E
MEIA DA MANHÃ ATÉ ÀS NOVE
HORAS DA NOITE/ ENTÃO MEU
PERÍODO DE TREINAMENTO ERA
NA PARTE DA MANHÃ// TREINAVA
DE MANHÃ CEDO/ IA PRO
TRABALHO, DESCANSAVA PRA
COMEÇAR A ROTINA NO DIA

	<i>SEGUINTE/ PARA PODER DISPUTAR JOGOS NOS FINAIS DE SEMANA/ LOUCURA//”</i>
ADRIENNE Trilha dramática	MESMO COM TODAS AS DIFICULDADES/ AS JOGADORAS TENTARAM GUARDAR AS LEMBRANÇAS DE SEREM AS PIONEIRAS NO FUTEBOL FEMININO//
ARIANE Trilha dramática	UM DOS NOMES QUE SE TORNOU SINÔNIMO DE HABILIDADE COM A CAMISA 10 DA NOSSA SELEÇÃO/ FOI SISLEIDE DO AMOR LIMA/ MAIS CONHECIDA COMO SISSI DO AMOR // ELA CONTA SOBRE OS APRENDIZADOS DURANTE O TORNEIO E QUE TUDO ERA NOVIDADE//
SONORA SISSI DO AMOR Trilha dramática	<p><i>“A GENTE FOI PRA CHINA, SEM ESQUEMA/ VAMOS LÁ/ PRIMEIRA PARTICIPAÇÃO/ SEJA LÁ O QUE DEUS QUIZER/ FOI MINHA PRIMEIRA VIAGEM INTERNACIONAL//</i></p> <p><i>PARA SAIR DO PAÍS/ EU TIVE QUE PEDIR PERMISSÃO/ MEU PAI TINHA QUE ASSINAR/ PORQUE EU ERA DE MENOR// MINHA MÃE TEVE ATÉ QUE FALSIFICAR A ASSINATURA DO MEU PAI PORQUE MEU PAI NÃO ESTAVA PRESENTE// FOI UMA LOUCURA/ MAS FOI O MOMENTO MAIS.. EU</i></p>

	<p>NÃO VOU DIZER ESPECIAL/ MAS FOI UM DOS MOMENTOS/ PORQUE SAIR/ PARA VESTIR AQUELA CAMISA IR PARA CHINA NUM PRIMEIRO MUNDIAL/ QUE NÃO FOI OFICIAL// NOSSA//</p> <p>A GENTE TERMINOU EM TERCEIRO/ EU FIZ MEU PRIMEIRO GOL CONTRA A NORUEGA// HÁ MUITOS ANOS VIU? UM MOMENTO MUITO ESPECIAL/ MAS NÃO FOI FÁCIL NÃO//”</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>A SELEÇÃO BRASILEIRA ESTREOU CONTRA A AUSTRÁLIA E SAIU DERROTADA/ MAS A RECUPERAÇÃO VEIO NA RODADA SEGUINTE/ CONTRA AS NORUEGUESAS//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>JÁ NAS PRIMEIRAS COMPETIÇÕES/ A SELEÇÃO FEMININA DA NORUEGA TINHA UM ELENCO DE MUITA QUALIDADE/ QUE SE DESTACOU NA ÉPOCA // OS ANOS NOVENTA / INCLUSIVE/ FORAM CONSIDERADOS OS ANOS DOURADOS DA MODALIDADE PARA O PAÍS//</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha brasileirinho</p>	<p>POR ISSO/ A VITÓRIA DO BRASIL POR DOIS A UM SOBRE ESTAS ADVERSÁRIAS SIGNIFICOU UM GRANDE RESULTADO// E EM</p>

	SEGUIDA/ O BRASIL GOLEOU A TAILÂNDIA POR NOVE A ZERO//
ARIANE NEVES Trilha brasileirinho	JÁ NAS QUARTAS DE FINAL/ A SELEÇÃO BRASILEIRA PASSOU PELAS HOLANDESAS E ENFRENTOU NOVAMENTE AS FORTES NORUEGUESAS NAS SEMIFINAIS// FOI AÍ QUE/ INFELIZMENTE/ DEIXAMOS A COMPETIÇÃO//
ADRIENNE Trilha brasileirinho	O BRASIL DISPUTOU O TERCEIRO LUGAR CONTRA AS DONAS DA CASA/ AS CHINESAS/ E VENCEU NOS PÊNALTIS// AS GRANDES CAMPEÃS DA PRIMEIRA EDIÇÃO FORAM AS ESTADUNIDENSES/ COM AS NORUEGUESAS EM SEGUNDO LUGAR//
ARIANE Trilha música “Que bonito é”	O TORNEIO FOI UM SUCESSO// A PARTIDA DE ESTREIA LEVOU AO ESTÁDIO MAIS DE QUARENTA E CINCO MIL PESSOAS/ UM NÚMERO MUITO SIGNIFICATIVO/ PRINCIPALMENTE POR TODO O PRECONCEITO ENFRENTADO ATÉ O TORNEIO SE TORNAR UMA COMPETIÇÃO OFICIAL DA FIFA//
ADRIENNE Trilha música “Que bonito é”	O MUNDIALITO ABRIU AS PORTAS PARA A REALIZAÇÃO DE MAIS COMPETIÇÕES DEDICADAS AO FUTEBOL FEMININO// ISSO/ CLARO/ SEM ESQUECER DA GERAÇÃO QUE IMPULSIONOU E MOSTROU OS CAMINHOS DA

	MODALIDADE ATÉ CHEGARMOS NAS JOGADORAS ATUAIS//
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>CHEGAMOS AO FIM DO PRIMEIRO EPISÓDIO/ CONTANDO UM POUCO MAIS SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL// NO NOSSO PRÓXIMO ENCONTRO/ VOCÊ CONFERE EM DETALHES A COPA DO MUNDO DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E UM/ COM DEPOIMENTOS DE MEG E TAFFAREL, DUAS JOGADORAS DA PRIMEIRA GERAÇÃO!!!</p> <p>FIQUEM LIGADINHOS EM NOSSO PRÓXIMO EPISÓDIO E ATÉ LOGO! //</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>“O CAMPO É DELAS” É PRODUZIDO E NARRADO POR ADRIENNE PEDROSA E ARIANE NEVES PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, COM ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI E APOIO TÉCNICO DE THIAGO CALDEIRA.</p> <p>COM PARTICIPAÇÃO DE EVELIN RAMOS E MAYRON BRITO.</p>

O CAMPO É DELAS - EPISÓDIO 2 - 1991 A PRIMEIRA COPA DO MUNDO DE FUTEBOL FEMININO

<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>OLÁ! SEJA MUITO BEM VINDA E BEM VINDO AO PODCAST “O CAMPO É DELAS”.// EU ME CHAMO ARIANE NEVES//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>E EU ME CHAMO ADRIENNE PEDROSA //</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>AQUI VAMOS CONTINUAR CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DAS PIONEIRAS DO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO.//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>NO PRIMEIRO EPISÓDIO VOCÊ CONHECEU O INÍCIO DO FUTEBOL FEMININO NO BRASIL/ E O CAMINHO ANTERIOR À PRIMEIRA COPA DO MUNDO DA MODALIDADE.//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha música “Que bonito é”</p>	<p>NESTE EPISÓDIO/ VOCÊ CONFERE COM A GENTE OS DETALHES DA PRIMEIRA EDIÇÃO QUE ACONTECEU EM MIL NOVECENTOS E NOVENTA E UM// VAMOS LÁ?//</p>
<p>EFEITO DE TRANSIÇÃO</p>	<p>SOM DE APITO</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha animada</p>	<p>COM O SUCESSO DO TORNEIO EXPERIMENTAL/ O MUNDIALITO/ TRÊS ANOS ANTES/ FINALMENTE ACONTECEU A PRIMEIRA EDIÇÃO DA COPA DO MUNDO FEMININA!//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha animada</p>	<p>A CHINA/ QUE JÁ TINHA RECEBIDO A COMPETIÇÃO TESTE / FOI A SEDE DA PRIMEIRA</p>

	<p>COPA/ ENTRE DEZESSEIS E TRINTA DE NOVEMBRO DE NOVENTA E UM// QUARENTA E NOVE SELEÇÕES PARTICIPARAM DAS ELIMINATÓRIAS/ MAS SÓ DOZE SE CLASSIFICARAM PARA A GRANDE COMPETIÇÃO //</p>
<p>NARRADORA EVELIN RAMOS</p> <p>Efeito som de torcida</p>	<p>FORAM CINCO EQUIPES DA EUROPA: NORUEGA/ SUÉCIA/ ALEMANHA/ ITÁLIA E DINAMARCA/ TRÊS DA ÁSIA: CHINA/ TAIWAN E JAPÃO/ UMA DA ÁFRICA: NIGÉRIA/ UMA DA OCEANIA: NOVA ZELÂNDIA/ UMA DA AMÉRICA DO NORTE: OS ESTADOS UNIDOS E O BRASIL REPRESENTANDO A AMÉRICA DO SUL.//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha animada</p>	<p>COMO NÓS CONHECEMOS NO PRIMEIRO EPISÓDIO/ A BASE DA SELEÇÃO BRASILEIRA VEIO DO PRIMEIRO CLUBE FEMININO DO PAÍS/ O RADAR// SOB O COMANDO DO TÉCNICO FERNANDO PIRES (SIM/ UM HOMEM)/ AS PIONEIRAS FORAM:</p>
<p>NARRADORA EVELIN RAMOS</p> <p>Efeito som de torcida</p>	<p>MEG/ ROSA LIMA/ MARISA/ ELANE/ MARCIA SILVA/ FANTA/ MARILZA/ SOLANGE/ ADRIANA/ ROSELI/ CENIRA/ MIRIAM/ MÁRCIA TAFFAREL/ NALVINHA/ PRETINHA/ DORALICE/ ROSANGELA ROCHA E MARIA LÚCIA//</p>

<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>UMA GRANDE EQUIPE/ MAS COMO O RADAR HAVIA ENCERRADO SUAS ATIVIDADES UM ANO ANTES/ GRANDE PARTE DAS JOGADORAS ESTAVA SEM RITMO DE JOGO//</p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>NORMALMENTE/ OS TREINAMENTOS DA SELEÇÃO BRASILEIRA MASCULINA OCORREM NA GRANJA COMARY/ MAS NÃO FOI O CASO PARA AS JOGADORAS DO FEMININO.//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>ENTÃO/ A PREPARAÇÃO FOI FEITA NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO DO RIO DE JANEIRO/ ASSIM COMO FOI ANTES DO MUNDIALITO/ LÁ EM MIL NOVECENTOS E OITENTA E OITO//</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>MESMO COM A CONQUISTA DO TERCEIRO LUGAR NAQUELE TORNEIO/ A CBF CONTINUOU OFERECENDO MENOS DO QUE MÍNIMO DE SUPORTE PARA AS ATLETAS: O LOCAL PARA TREINAMENTOS E A ESTRUTURA PRESENTE/ COMO OS CAMPOS/ ACADEMIA E A DISPONIBILIDADE DE MÉDICOS MILITARES.//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>LEMBRA DOS UNIFORMES ENORMES? POIS É/ NEM MESMO ESSE PROBLEMA FOI RESOLVIDO// AS ROUPAS AINDA ERAM FEITAS SOB MEDIDA PARA O MASCULINO E AS MULHERES</p>

	CONTINUAVAM UTILIZANDO O QUE SOBRAVA//
ADRIENNE Trilha dramática	A MEIO-CAMPISTA MARCIA TAFFAREL OU TAFFA/ COMO É CARINHOSAMENTE CHAMADA/ RELEMBRA QUE PRECISOU SAIR DO TRABALHO PARA SE DEDICAR A SELEÇÃO//
SONORA MÁRCIA TAFFAREL Trilha dramática	<p><i>EU TIVE QUE SAIR DO MEU TRABALHO PORQUE COMO A GENTE FICOU PRATICAMENTE ONZE MESES SÓ DE PREPARAÇÃO E COMPETIÇÃO/ EU TIVE QUE SAIR DA FUNDAÇÃO BRADESCO/ E O QUE EU RECEBIA DE DIÁRIA NA SELEÇÃO ERA BEEEM MENOS DO QUE EU RECEBIA NA FUNDAÇÃO BRADESCO/ MAS EU RESOLVI SAIR DO MEU EMPREGO E ARRISCAR PORQUE AÍ SIM EU ACHEI QUE EU IA FAZER PARTE DA HISTÓRIA//</i></p> <p><i>EU FALEI ASSIM 'AH/ MEU NOME VAI CONSTAR LÁ NA FIFA QUANDO FALAREM DO PRIMEIRO MUNDIAL DE FUTEBOL FEMININO/ MARCIA TAFFAREL 1991/ VAI ESTAR LÁ//</i></p> <p><i>EU SENTI QUE ESTAVA PREPARADA EM TODOS OS SENTIDOS PRA FAZER PARTE DA SELEÇÃO//</i></p>

<p>ARIANE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>PARA SE PREPARAR PARA O MUNDIAL/ A SELEÇÃO REALIZOU AMISTOSOS CONTRA O SUB-DEZESSETE DO FLUMINENSE E O SUB-VINTE E CINCO DO FLAMENGO/ NADA DE JOGOS COM OUTRAS EQUIPES FEMININAS//</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>OU SEJA/ AS JOGADORAS BRASILEIRAS CHEGARAM À PRIMEIRA COPA SEM POSSUIR SEQUER UMA EXPERIÊNCIA INTERNACIONAL E SEM SABEREM DIRETAMENTE QUAIS SERIAM OS DESAFIOS ENFRENTADOS//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>TAFFA CONTA TAMBÉM COMO AS INFORMAÇÕES E ANÁLISES NÃO CHEGAVAM COM FACILIDADE ÀS JOGADORAS NAQUELE MOMENTO PRÉ COPA//</p>
<p>SONORA MÁRCIA TAFFAREL</p> <p>Trilha dramática</p>	<p><i>A GENTE FOI PRO MUNDIAL ACHANDO QUE ÍAMOS GANHAR/ MAS A GENTE NÃO TINHA O CONHECIMENTO QUE HOJE SE TEM DAS EQUIPES//</i></p> <p><i>HOJE VOCÊ TEM TODA UMA COMISSÃO TÉCNICA QUE ACOMPANHA AS OUTRAS SELEÇÕES/ QUE VÊ/ QUE OBSERVA/ QUE TEM DADOS DE ATLETAS/ TEM O VÍDEO DE ANÁLISE DAS JOGADORAS E A GENTE NÃO TINHA ISSO NA ÉPOCA//</i></p>

	<i>ENTÃO FOMOS COM MUITO DESCONHECIMENTO DO QUE SERIA E DE COMO SERIA JOGAR CONTRA AS OUTRAS SELEÇÕES//</i>
ADRIENNE PEDROSA Trilha dramática	MARGARETE MARIA PIORESAN/ MAIS CONHECIDA COMO MEG/ FOI A PRIMEIRA GOLEIRA DA SELEÇÃO// ELA TRANSITAVA PELAS TRAVES DO HANDEBOL E DO FUTEBOL E IA SE ADAPTANDO//
ARIANE Trilha dramática	DETALHE QUE/ NO HANDEBOL/ O GOL MEDE TRÊS METROS DE LARGURA E DOIS DE ALTURA/ ENQUANTO NO FUTEBOL/ TEM MEDIDAS DE SETE METROS E TRINTA E DOIS CENTÍMETROS DE LARGURA E DOIS METROS E QUARENTA E QUATRO CENTÍMETROS DE ALTURA//
ADRIENNE Trilha dramática	MEG/ QUE É CONSIDERADA UMA DAS MAIORES GOLEIRAS DA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO/ TAMBÉM FALOU SOBRE AS DIFICULDADES ENFRENTADAS://
SONORA MEG Trilha dramática	A NOSSA GERAÇÃO É UMA GERAÇÃO DE GUERREIRAS// TODO MUNDO ESTUDAVA/ TRABALHAVA E A GENTE NEM TREINAVA DIREITO// TINHA UNS CAMPEONATO INTERNOS NO BRASIL/ MAS NEM PENSARIA EM INTERCÂMBIO// EU ACHO QUE

	<p>ESSA GERAÇÃO MARCOU POR ISSO: AQUELA QUE LEVOU PORRADA/ MAS AQUELA QUE CARREGA COMO A PRIMEIRA//</p> <p>A GENTE IA TER QUE ENFRENTAR UMAS PARADAS DURAS GENTE/ GANHAMOS O PRIMEIRO JOGO DO JAPÃO DE UM A ZERO/ E O ÚLTIMO FOI A SUÉCIA POR DOIS A ZERO/ OU DOIS A UM//</p> <p>MAS EU ACHO QUE DENTRO DAS CONDIÇÕES DELAS/ A SUÉCIA JÁ FAZIA JOGOS DO CAMPEONATO EUROPEU/ OS ESTADOS UNIDOS JÁ ERAM CAMPEÃS MUNDIAIS//</p> <p>ERA AQUELE TIME DE MIA HAMM/ QUE FOI ELEITA A MELHOR DO MUNDO POR UMA OU DUAS VEZES/ A MEIO CAMPISTA/ CANHOTA// ERA UMA POTÊNCIA//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>AS JOGADORAS RELATAM QUE FICARAM EM UM ÓTIMO HOTEL/ MAS TIVERAM DIFICULDADES COM A ALIMENTAÇÃO E O IDIOMA CHINÊS//</p>
<p>SONORA MÁRCIA TAFFAREL</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>AS PESSOAS RECEBERAM A GENTE MUITO BEM/ O HOTEL ERA CINCO ESTRELAS/ QUE EU FIQUEI IMPRESSIONADA// A GENTE TEVE DIFICULDADE COM A ALIMENTAÇÃO NA CHINA/ A GENTE SÓ COMIA MASSA/ NÃO TINHA OUTRA COISA PRA COMER</p>

	<i>PORQUE TUDO ERA A BASE DE PEIXE CRU/ ENTÃO EU COMIA MASSA E ARROZ/ ERA A ÚNICA COISA EU COMIA//</i>
ADRIENNE Trilha dramática	DE QUALQUER FORMA/ AS JOGADORAS SE PREPARAM COMO FOI POSSÍVEL PARA ENFRENTAR GRANDES SELEÇÕES// O BRASIL CAIU NO “GRUPO DA MORTE”/ AO LADO DE ESTADOS UNIDOS/ SUÉCIA E JAPÃO//
ARIANE Trilha dramática Efeito som de torcida	O PRIMEIRO JOGO FOI CONTRA O JAPÃO/ VITÓRIA BRASILEIRA POR UM A ZERO/ COM GOL DE ELANE/ MESMO COM AS JAPONESAS PRESSIONANDO A DEFESA DO BRASIL//
ADRIENNE Trilha dramática	NOS JOGOS SEGUINTEs/ FICOU EVIDENTE A DIFERENÇA DE PREPARAÇÃO E INVESTIMENTO// A NOSSA SELEÇÃO SOFREU UMA GOLEADA DOS ESTADOS UNIDOS POR CINCO A ZERO/ E NA ÚLTIMA PARTIDA DA FASE DE GRUPOS/ PERDEU DE DOIS A ZERO PARA A SUÉCIA//
ARIANE NEVES Trilha dramática Trilha animada	COM APENAS TRÊS PONTOS MARCADOS/ O BRASIL SE DESPEDIU DO MUNDIAL AINDA NA PRIMEIRA FASE// APESAR DO REVÉS/ TAFFA E MEG ELOGIARAM A ESTRUTURA PREPARADA PELA FIFA/ A RECEPÇÃO DO POVO CHINÊS E A

	PRESENÇA DA TORCIDA NOS ESTÁDIOS//
ADRIENNE Trilha animada	EM VINTE E SEIS JOGOS/ O PÚBLICO TOTAL FOI DE QUINHENTOS E DEZ MIL PESSOAS/ UMA MÉDIA DE QUASE VINTE MIL PESSOAS POR PARTIDA//
SONORA MÁRCIA TAFFAREL Trilha animada	OS CHINESES COMPARECERAM EM MASSA PARA VER OS JOGOS/ MAIS DE TRINTA/ QUARENTA MIL PESSOAS NOS ESTÁDIOS/ ENTÃO FOI UMA COISA MUITO LEGAL QUE ME MARCOU BASTANTE// MESMO A GENTE TENDO A DIFICULDADE DA LINGUAGEM/ QUANDO ELES VIAM QUE ERA A SELEÇÃO BRASILEIRA/ ELES JÁ VINHAM E QUERIAM AUTÓGRAFO PORQUE O BRASIL SEMPRE FOI MUITO BEM VALORIZADO E RESPEITADO COM RELAÇÃO AO FUTEBOL MASCULINO//
ARIANE Trilha animada	MEG CONTA QUE A INTERAÇÃO DA TORCIDA FOI UM INCENTIVO MUITO DIFERENTE DO BRASIL//
SONORA MEG Trilha animada	NA ÉPOCA A CHINA JÁ TINHA UM BILHÃO DE PESSOAS EM NOVENTA E UM/ HOJE JÁ PASSA DE UM BILHÃO E QUINHENTAS// ERA CHEIO O ESTÁDIO/ TODO MUNDO APLAUDIA/, EU FALEI “NOSSA/ A GENTE ESTÁ NO

	<p><i>PARAÍSO/ PORQUE NINGUÉM XINGA”// PORQUE AQUI (BRASIL) NO INÍCIO O PESSOAL FALAVA UM MONTE DE COISA PRA GENTE/ ERA PESADO// UNS APLAUDIAM, MAS OUTROS VAIAVAM/ XINGAVAM// NA AREIA ENTÃO...CHEGAVAM ATÉ A JOGAR AREIA NA GENTE/ EU COMO JOGAVA NO GOL CANSAVA DE RECEBER AREIA//</i></p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha dramática</p>	<p>OUTRA CURIOSIDADE/ É QUE A FIFA MUDOU O TEMPO DE JOGO PARA OITENTA MINUTOS/ POR CONSIDERAR MELHOR PARA O PORTE FÍSICO DAS MULHERES// ENTRETANTO ESTA REGRA NÃO FOI BEM AVALIADA PELAS PARTICIPANTES E NÃO CONTINUOU NA COPA SEGUINTE/ DISPUTADA NA SUÉCIA / EM MIL NOVECENTOS E NOVENTA E CINCO//</p>
<p>EFEITO DE TRANSIÇÃO</p>	<p>RELÓGIO TIQUE-TAQUE</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha animada</p>	<p>AS GRANDES CAMPEÃS DA COPA DE NOVENTA E UM FORAM AS NORTE-AMERICANAS QUE DERROTARAM A SELEÇÃO DA NORUEGA POR DOIS A UM DIANTE DE QUASE SESSENTA E CINCO MIL PESSOAS/ EM GUANGZHOU// A TERCEIRA COLOCAÇÃO FICOU COM A SUÉCIA//</p>
<p>NARRADORA EVELIN RAMOS</p>	<p>O FANTÁSTICO TIME DOS ESTADOS UNIDOS LIDERADO</p>

<p>Trilha animada</p>	<p>PELAS GOLEADORAS CARIN JENNINGS/ MICHELLE AKERS E A CAPITÃ APRIL HEINRICHS/ QUE LEVANTOU O PRIMEIRO TROFÉU DE CAMPEÃS MUNDIAIS// A BOLA DE OURO DO MUNDIAL FOI PARA JENNINGS E A CHUTEIRA DE OURO/ COM DEZ GOLS MARCADOS/ FICOU PARA MICHELLE AKERS//</p>
<p>ADRIENNE</p> <p>Trilha animada</p>	<p>TAFFA RELEMBRA QUE O JOGO MAIS DIFÍCIL FOI CONTRA AS CAMPEÃS// AS JOGADORAS NORTE-AMERICANAS JÁ ERAM INCENTIVADAS DESDE NOVAS A ENTRAR NA MODALIDADE E/ POR ESSE MOTIVO/ A PREPARAÇÃO FÍSICA ERA MUITO SUPERIOR//</p>
<p>ARIANE</p> <p>Trilha animada</p>	<p>ELAS POSSUÍAM UMA EXCELENTE QUALIDADE TÉCNICA/ O QUE AS TORNOU ADVERSÁRIAS MUITO COMPLICADAS//</p>
<p>SONORA MÁRCIA TAFFAREL</p> <p>Trilha animada</p>	<p><i>OS ESTADOS UNIDOS SEMPRE FOI CONHECIDO COMO O PAÍS QUE JOGA FÍSICO//</i></p> <p><i>EU ACHO ATÉ QUE ELAS EVOLUÍRAM MUITO PORQUE AGORA ALÉM DA FISCALIDADE ELAS TEM TAMBÉM A PARTE TÉCNICA/ A PARTE TÁTICA É MUITO BEM DESENVOLVIDA//</i></p> <p><i>AQUI NOS ESTADOS UNIDOS ELAS COMEÇAM NO FUTEBOL</i></p>

	<p><i>FEMININO MUITO CEDO/ ENTÃO ESSE JOGO PRA GENTE FOI EXTREMAMENTE DIFÍCIL PORQUE A GENTE NÃO CONSEGUIA PARAR AS MENINAS/ ELAS ERAM MUITO FÍSICAS/ ELAS PARECIAM ASSIM AQUELES TOUROS/ QUE A GENTE FICAVA NA FRENTE E O TOURO PASSA EM CIMA DA GENTE E IA//</i></p> <p><i>A GENTE COMEÇOU A PARTIR DE NOVENTA E UM/ A GENTE PERCEBEU QUE PRECISAVA DESENVOLVER MUITO MELHOR/ NÃO SÓ A PARTE TÉCNICA/ MAS A PARTE FÍSICA/ A PARTE TÁTICA/ A PARTE DE ENTENDIMENTO DO JOGO PARA COMPETIR COM AS EQUIPES EUROPEIAS E OS ESTADOS UNIDOS//</i></p>
<p>ADRIENNE PEDROSA</p> <p>Trilha animada</p>	<p><i>APESAR DO RESULTADO DESFAVORÁVEL/ MEG DESTACA AS CONDIÇÕES OFERECIDAS// ELA TAMBÉM CONTA QUE A PARTICIPAÇÃO NA COPA/ PERMITIU VER O QUE ESTAVA ACONTECENDO NO FUTEBOL FEMININO AO REDOR DO MUNDO//</i></p>
<p>SONORA MEG</p> <p>Trilha animada</p>	<p><i>EU ACHO QUE A GENTE CUMPRIU NOSSO PAPEL/ EU NÃO SAÍ DE LÁ DERROTADA/ DE JEITO NENHUM//</i></p> <p><i>EU ACHO QUE FOI MUITO BOM/ PORQUE GANHAR DO JAPÃO DE</i></p>

	<p>UM A ZERO/ PERDER DE POUCO PARA A SUÉCIA/ ENTÃO FOI UMA EXPERIÊNCIA MARAVILHOSA//</p> <p>PENA QUE A GENTE NÃO CONSEGUIU CLASSIFICAR/ PORQUE SENÃO A GENTE PODERIA TER TIDO MAIS EXPERIÊNCIA// EU NÃO SEI SE A GENTE IA CHEGAR MUITO LONGE/ PORQUE O NOSSO PREPARO FÍSICO NÃO ERA ADEQUADO// A GENTE TINHA TALENTO/ TALENTO TINHA/ SEMPRE TEVE TALENTO/ NA MINHA GERAÇÃO A GENTE TINHA MUITA GENTE BOA JOGANDO//</p> <p>PORÉM A DIFERENÇA ERA DESPROPORCIONAL/ NÃO TINHA PREPARO FÍSICO/ NÃO TINHA ESQUEMAS TÁTICOS/ ERA CADA UM POR SI E DEUS POR TODOS/ PORQUE NÃO TINHA ESSA CONVIVÊNCIA INTERNACIONAL//</p> <p>OS CAMPEONATOS ERAM SÓ AQUI/ SÃO PAULO-RIO/ AÍ JOGAVA CONTRA MINAS E FICAVA AQUI// ENTÃO/ FOI BOM/ PRA MIM FOI ÓTIMO O RESULTADO//</p>
<p>ARIANE NEVES</p> <p>Trilha animada</p>	<p>AS PIONEIRAS ESTÃO MARCADAS NA HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO// UMA SELEÇÃO QUE MESMO SEM APOIO PARA A PREPARAÇÃO/ SEM VISIBILIDADE MUDIÁTICA E</p>

	SEM PATROCÍNIOS JOGOU SIMPLEMENTE POR AMOR À CAMISA E AO ESPORTE//
ADRIENNE Trilha animada	TUDO O QUE CONTAMOS NESTE EPISÓDIO SÓ MOSTRA COMO É DESIGUAL E INJUSTO COBRAR TÍTULOS DE JOGADORAS QUE NÃO TIVERAM AS CONDIÇÕES NECESSÁRIAS PARA PRATICAR UM FUTEBOL DE ALTO NÍVEL// O TALENTO E A DEDICAÇÃO SEMPRE ESTIVERAM PRESENTES/ MAS E O INCENTIVO?//
ARIANE Trilha “Que bonito é”	VOCÊ ESTÁ CURTINDO CONHECER A HISTÓRIA DA NOSSA SELEÇÃO FEMININA? A CADA EPISÓDIO DO PODCAST O CAMPO É DELAS/ VOCÊ VAI ACOMPANHAR OS DETALHES DE CADA COPA DO MUNDO.//
ADRIENNE Trilha “Que bonito é”	FIQUEM LIGADINHOS NO PRÓXIMO CAPÍTULO PARA SABEREM MAIS SOBRE A COPA DE MIL NOVECENTOS E NOVENTA E CINCO// AINDA TEMOS MUITAS HISTÓRIAS LEGAIS SOBRE O FUTEBOL FEMININO QUE VOCÊ PROVAVELMENTE NÃO CONHECE//
ARIANE NEVES Trilha “Que bonito é”	O PODCAST O CAMPO É DELAS É PRODUZIDO POR ADRIENNE PEDROSA E ARIANE NEVES COMO TRABALHO DE

	<p>CONCLUSÃO DO CURSO DE JORNALISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. APOIO TÉCNICO DE THIAGO CALDEIRA E ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR CARLOS JÁUREGUI//</p> <p>COM PARTICIPAÇÃO DE EVELIN RAMOS E MAYRON BRITO.</p>
--	---